
VITOR ABDALA
Macabra
MENTE
VCA

Vitor Abdala

Macabra

Mente

VCA

Rio de Janeiro, 2016

Copyright: © 2016 Vitor Abdala

Abdala, Vitor

Macabra Mente / Vitor Abdala – Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 2016.

1. Literatura brasileira: Ficção e contos brasileiros.

CDD: B869.3

ISBN: 978-85-921875-1-4

Os seguintes contos já foram publicados anteriormente: *Auto de Resistência* na coletânea **Vendetta** (Ed. Andross, 2016), *Zé do Peixe Quer o Seu Voto* na coletânea **Tratado Oculto do Horror** (Ed. Andross, 2016) e *Disco de Vinil* no site Wattpad (2015).

Dedico este livro à minha família, em especial à minha esposa, Deborah, ao meu filho, Eduardo, e aos meus pais e irmãos. Obrigado por tudo!

SUMÁRIO

O Barulho na Casa de Máquinas

Zé do Peixe Quer o Seu Voto

Auto de Resistência

Disco de Vinil

Beta

Túmulo de Aço

Ilha das Focas

Despachos

O BARULHO NA CASA DE MÁQUINAS

Ariovaldo foi acordado pelo toque insistente do interfone. Como síndico do edifício, ele já estava acostumado a ser despertado por outros moradores no meio da noite. Sempre havia algum problema a resolver. Fosse por causa de um vazamento de esgoto em algum teto, fosse pela solteirona puritana incomodada com o cheiro de maconha do apartamento vizinho.

Ele se perguntou se daria tempo de dar uma mijada antes de atender ao interfone. Achou melhor não. Precisava interromper aquele ruído enlouquecedor. Depois, ele trataria de esvaziar a bexiga.

— Alô!

Ninguém respondeu. Do outro lado, apenas um chiado contínuo.

— Alô! — Ariovaldo tentou mais uma vez, antes de colocar, com raiva, o fone de volta no gancho, ao perceber que apenas o chiado respondia.

Com a boca seca, foi até a geladeira para pegar uma garrafa de água. Ainda meio sonolento, tentou colocar a água no copo, mas jogou metade dela para fora quando o interfone soou de forma aguda ao lado de seu ouvido.

— Filho da puta! — esbravejou, antes de pegar o fone e dizer alô.

Desta vez, uma voz frágil o cumprimentou do outro lado da linha. Ariovaldo precisou se esforçar para ouvi-la.

— Senhor síndico, — era dona Isaura, uma senhora de 90 anos que tinha a mania irritante de se dirigir a Ariovaldo dessa forma – tem um barulho estranho vindo lá de cima.

Ela morava sozinha em um apartamento no décimo andar, o último do prédio. Sua casa tinha dois quartos, mas ela insistia em dormir na dependência de empregada, que ficava ao lado do elevador e era, portanto, o lugar mais barulhento da residência.

— Boa noite, dona Isaura. A senhora está falando do barulho da casa de máquinas?

— Sim, meu filho. Esse barulho está me deixando louca.

— Dona Isaura, a casa de máquinas do elevador faz barulho toda vez que o elevador sobe ou desce.

Ariovaldo quase complementou com: *por que a senhora, em vez de dormir no quartinho de empregada, não tira as tralhas que entopem seus dois quartos e dorme num deles, como uma pessoa normal?*

— Você não está entendendo, senhor síndico. Eu não me refiro ao barulho do motor do elevador. Com esse, eu já estou acostumada. Ele até me ajuda a dormir, quando estou com insônia. Eu fico imaginando quem está chegando ou saindo de casa, a cada vez que o elevador se move. Isso me distrai, sabe? Eu estou falando do outro barulho.

Ariovaldo esfregou seu rosto, impaciente. Tudo o que queria era dar uma mijada e voltar a dormir. Apesar de aposentado, ele gostava de acordar cedo para dar uma caminhada pela pracinha. Seu cardiologista havia sugerido atividade física, desde que fora parar no hospital depois de um princípio de infarto.

— Que outro barulho? — Ele perguntou, já se arrependendo imediatamente de ter dado mais corda para a velhinha.

— É um barulho que está me deixando louca...

Você já disse isso, pensou Ariovaldo, no limite de sua paciência.

— Deve ser o motor do elevador. Ele faz mesmo um barulho enlouquecedor.

— O motor do elevador não se rasteja pelo chão, senhor síndico. E nem respira de forma ofegante.

Ariovaldo sentiu os pelos de seu pescoço se arrepiarem e quase soltou sua urina nas calças. Por um momento, ele só ouviu o chiado do interfone.

— Perdão. Eu não estou entendendo, dona Isaura.

— Tem alguma coisa lá em cima, meu querido. Ela está a noite inteira se rastejando e respirando, respirando forte. Eu não estou conseguindo dormir.

Ariovaldo sabia que ela conseguia ouvir o barulho dos mecanismos de tração do elevador. Era um motor antigo e rangia bastante quando puxava o ascensor. E parte da casa de máquinas ficava exatamente sobre a dependência de empregada do apartamento de dona Isaura, ainda que o maquinário propriamente dito ficasse sobre o elevador.

Mas não achava provável que aquela velha estivesse ouvindo qualquer coisa se rastejando ou respirando na casa de máquinas, mesmo se houvesse alguma coisa realmente fazendo isso.

E então veio aquele pedido que ele mais temia.

— O senhor não pode dar uma olhadinha para ver o que está acontecendo? – perguntou a velha senhora — Isso está realmente me incomodando.

Não havia porteiro depois das 22h naquele prédio, o que significava que, quando havia problema depois desse horário, era o próprio síndico que tinha que resolvê-lo.

Ele não conseguia acreditar naquilo. Deveria ter ido logo mijar antes de atender ao maldito interfone. Ele precisava pensar rápido e se livrar logo dela. De jeito nenhum, ele subiria até a casa de máquinas àquela hora, para checar um barulho que supostamente uma velha esclerosada havia escutado.

— Ok, eu vou dar uma olhada — mentiu Ariovaldo, desligando o interfone em seguida.

A primeira coisa que Ariovaldo fez ao desligar foi ir até o banheiro dar uma mijada. Ficou aliviado em esvaziar a bexiga, mas, ao mesmo tempo, lamentou ter perdido seu sono.

Ainda não era nem meia-noite e já estava sem sono. Preparou um café e ligou a televisão. Ficou assistindo a um filme esquisito até que, meia hora depois, o interfone tocou novamente.

— Dai-me paciência, meu Deus — resmungou enquanto levantava-se para atender ao interfone.

A velha não tinha ido dormir e decidira continuar infernizando sua noite.

— Alô!

— Meu filho, você por acaso foi até a casa de máquinas?

— Sim, senhora. Não havia nada lá. Provavelmente as máquinas do elevador estão precisando de manutenção. Amanhã eu ligo para a empresa responsável.

— Senhor síndico, eu tenho 90 anos. Eu sei quando alguém está mentindo. — Ariovaldo não esperava aquela reação de dona Isaura. — O barulho piorou. Além de ficar se rastejando e respirando forte, agora seja lá o que estiver lá em cima resolveu começar a cavar.

— Cavar?! — ele perguntou, surpreso.

— Sim, parece que está querendo cavar o chão e sair aqui na minha casa.

— Dona Isaura, por que alguém iria cavar a laje para entrar na sua casa? Não seria mais fácil tocar a campainha? — questionou o síndico, já percebendo que não tinha mais paciência.

— Não banque o engraçadinho comigo, senhor síndico — disse dona Isaura, em tom de repreensão.

Ariovaldo já estava arrependido de ter iniciado uma discussão com a velha, mas ele sabia que ela não desistiria enquanto ele não atendesse ao seu pedido.

— Ok, dona Isaura. Eu já estou indo até lá. E vou interfonar para a senhora lá de cima para dizer que não encontrei nada além de cabos e motores.

— Eu agradeço, senhor síndico.

Ariovaldo desligou o interfone, colocou uma camisa, pegou seu celular e subiu sete andares pelo elevador até chegar ao décimo. De lá, subiu pelas escadas até chegar à casa de máquinas.

Não havia nenhuma iluminação no último lance de escada nem na parte externa da casa de máquinas, então ele teve que ir tateando pela parede. No último degrau, ele tropeçou, mas conseguiu se equilibrar antes que batesse com o

nariz no chão.

— Porra, por que nunca coloquei uma lâmpada aqui? — lamentou-se o síndico.

Apesar dos avisos informando que a entrada era permitida apenas a pessoal autorizado, a porta da casa de máquinas não ficava trancada, apenas encostada. Ele ficou parado à frente da porta por um tempo, até que criasse coragem para abri-la.

Ariovaldo era um sujeito medroso. Ele tinha medo de quase tudo: animais, bandidos, fantasmas. E se dona Isaura estivesse certa? E se realmente houvesse alguma coisa se arrastando, com uma respiração ofegante?

Ele imaginou uma criatura horrível, com garras enormes, cavando o chão de concreto da casa de máquinas, tentando fazer um buraco para chegar à casa da velhinha.

Por duas vezes, ele pensou em descer as escadas correndo, antes de abrir a porta, mas respirou fundo e decidiu entrar de uma vez por todas no local onde, supostamente, alguém estava se arrastando e atrapalhando o sono de dona Isaura.

Ariovaldo empurrou a porta devagar. O som agudo das dobradiças fê-lo ficar ainda mais amedrontado. Mas não havia nenhum ruído além desse. O local estava silencioso. Sua mão tateou a parede da casa, em busca do interruptor, por um momento que pareceu longo demais para seu imaginativo cérebro atemorizado.

A situação ficou ainda mais assustadora quando seu dedo apertou o interruptor e a luz não se acendeu.

— Filho da puta!

Apesar de já ter mijado antes de sair de casa, o síndico sentia que sua bexiga estava prestes a explodir novamente. Ele estava arrependido de, em primeiro lugar, ter subido ali àquela hora da noite e, em segundo lugar, não ter trazido sua lanterna.

De seu bolso, ele puxou seu telefone celular e apertou um botão que fez a tela se acender. A luz não era suficiente para iluminar todo o ambiente, mas era

tudo o que tinha naquele momento.

Ariovaldo direcionou a tela acesa de seu celular para o chão e começou a andar, apoiando-se na parede.

Quando já tinha dado sete passos, alguém acionou o elevador e o motor fez um barulho ensurdecedor. O síndico se assustou e levou a mão ao coração. Respirando com dificuldade diante do susto que quase o matou, ele encurvou-se, em busca de fôlego.

Ariovaldo ficou um pouco preocupado com aquele susto. Da primeira vez que tivera um pré-infarto, ele tinha sobrevivido graças à ajuda do porteiro, com quem conversava quando sentiu a dor forte no peito. Tinha medo de não conseguir sobreviver se seu coração aprontasse outra peça.

A luz do celular apagou-se e ele teve alguma dificuldade para acendê-la novamente. O ruído do motor cessou, mas Ariovaldo preparou-se para o som que viria em seguida. Afinal, alguém entraria no elevador, apertaria o botão de seu andar de destino e, logo, a máquina entraria em operação novamente.

O síndico ficou encostado na parede, esperando pelo som inevitável. Um minuto se passou. E, logo, se passaram dois. Mas o elevador não voltou a se movimentar. Durante esse tempo, ele teve que ficar acendendo a luz do celular, que se apagava a cada 30 segundos. *Alguém deve ter pegado o elevador no décimo andar e descido para o seu destino, no térreo, por isso ele não vai se mover de novo*, pensou.

As batidas de seu coração se desaceleraram e ele pôde desencostar-se da parede. Então, ele passou a vasculhar a sala com a luz fraca da tela de seu celular. Ele começou pela sua direita, direcionando a luz para os cantos vazios da casa de máquinas.

Não encontrou nada daquele lado e preparou-se para direcionar a tela iluminada ao motor do elevador, mas, antes que pudesse chegar até o equipamento, a luz se apagou novamente.

Ariovaldo apertou o botão de seu celular várias vezes, sem sucesso. Enquanto ele lutava contra a tecnologia, ouviu um barulho que parecia um grunhido e vinha de trás das máquinas. Com sua vista ainda tentando se adaptar à escuridão, o síndico olhou na direção do som.

Não conseguiu ver muita coisa. Apenas as silhuetas dos motores e dos componentes de tração dos cabos. De trás deles, no entanto, veio mais um grunhido.

O síndico, que tinha passado os últimos minutos mais preocupado em não sofrer outro infarto do que em procurar uma criatura rastejante imaginária, voltou a ficar com medo. Com muito medo.

O grunhido foi ouvido mais uma vez. Seu dedo começou a apertar de forma desesperada o botão para acender a iluminação da tela de seu celular. Com uma elevada descarga de adrenalina, ele sentiu seu coração voltar a bater de forma perigosamente acelerada.

Procure se acalmar, procure se acalmar. Ninguém vai te salvar aqui em cima, pensou Ariovaldo.

No momento em que ele finalmente conseguiu acender a tela de seu celular, sua mão estava direcionada às máquinas e ele pôde ver algo que parecia ser uma sombra se movendo com rapidez para longe da luz.

— Que porra é essa? — Ariovaldo gritou.

O que quer que estivesse ali atrás fugiu de volta à escuridão e soltou outro grunhido, desta vez mais forte e ameaçador.

Ariovaldo, ainda procurando manter a calma, tentou seguir a sombra com o telefone, sem sucesso. A luz do celular apagou-se de novo. E, de novo, seu dedo tentou acendê-la depressa. Outro grunhido fez Ariovaldo sentir uma dor forte no peito e largar o celular apagado no chão.

Enquanto tateava o chão em busca do telefone, ele percebeu, mesmo na escuridão, que alguma coisa saía de trás das máquinas e vinha em sua direção. E vinha grunhindo. Um grunhido forte.

A dor no peito foi ficando mais forte, à medida em que ele tentava se afastar daquela coisa que seus olhos lutavam para enxergar no escuro. Perdendo suas forças, Ariovaldo deitou-se no chão e começou a se arrastar para o canto vazio da casa de máquinas, com uma respiração ofegante.

A coisa que estava ali, na casa de máquinas com ele, se aproximava. Ele

podia sentir que estava logo atrás de si.

Ariovaldo continuou se arrastando, buscando ar com dificuldade, lutando para continuar consciente e para seu coração não parar de bater. Ele suava frio, enquanto ouvia o grunhido mais próximo de si.

Sem conseguir gritar, Ariovaldo sentiu algo segurando seu tornozelo, algo que não permitia que ele continuasse se arrastando. Desesperado, Ariovaldo fincou suas unhas no chão e, com elas, começou a tentar puxar o resto de seu corpo.

Mas ele não conseguia sair do lugar. As unhas ficaram roçando o chão, sem que seu corpo se movesse. O síndico começou a arranhar desesperadamente o piso de concreto. Era como se ele tentasse cavar para chegar ao andar de baixo. Ele sabia que não conseguiria cavar aquela laje, mas era uma tentativa inconsciente, instintiva.

Ao mesmo tempo em que usava suas últimas forças para arranhar o chão com suas unhas, a dor no peito se tornava insuportável. Então, sua visão ficou turva e, segundos depois, ele ficou inconsciente.

Desta vez, não havia ninguém para salvá-lo e levá-lo ao hospital. Ariovaldo morreu na casa de máquinas.

Ao mesmo tempo, no andar de baixo, dona Isaura percebeu que os estranhos barulhos na casa de máquinas cessaram repentinamente. Antes de finalmente conseguir dormir, a velha senhora falou baixinho, em seu quarto escuro.

— Obrigado, senhor síndico.

ZÉ DO PEIXE QUER O SEU VOTO

Zé do Peixe já era vereador em sua cidade há muitos anos. E, naquelas eleições, buscava seu sexto mandato na câmara municipal. Ele tinha origem humilde e definia a si mesmo como um homem do povo. Nascido de uma família pobre, passou boa parte de sua vida tirando seu sustento da pesca. Até que, aos 40 anos, descobriu a política. E não quis outra vida.

O problema é que, passada a eleição, Zé se esquecia do povo. Ele só se lembrava dos moradores de sua cidade durante a campanha eleitoral. Por três meses, a cada quatro anos, Zé do Peixe tomava cachaça nos bares, pescava com seus antigos companheiros e aparecia nas festas de aniversário.

Mas o que Zé fazia com mais frequência nesse período de campanha era visitar a casa das pessoas. Nessas visitas, o vereador mostrava uma preocupação fora do comum com seu eleitor. Perguntava sobre os problemas, queria saber como poderia ajudar e prometia melhorias que nunca vinham. Zé tinha o dom de convencer as pessoas. Ele sempre conseguia os votos necessários para se eleger.

Naquele dia, Zé ainda estava no início da campanha e já tinha visitado dez casas na zona rural. Estava anoitecendo e, no caminho de volta para sua casa, viu aquele homem indo em direção a um humilde casebre de tijolo aparente, com uma enxada apoiada no ombro, provavelmente voltando da roça.

Ele conhecia a casa, que, aliás, ele imaginava estar abandonada há anos, mas não conhecia seu morador. Zé desacelerou sua moto e parou em frente à porteira de madeira.

O homem já tinha entrado em sua casa e fechado a porta, quando Zé abriu a porteira, caminhou por um quintal cheio de mato e chegou ao alpendre. Do madeirame do telhado, pendiam várias estátuas de santos. Todas elas, de um modo macabro, com uma corda amarrada em seu pescoço. Olhando rapidamente, ele contou mais de 20 imagens.

O piso era de cimento, mas estava tão sujo que mais parecia uma continuação do chão de terra preta do quintal. De algum lugar, vinha um leve fedor, uma mistura de cheiro de galinheiro e comida estragada. *Um voto é*

sempre um voto, esse era o lema de Zé do Peixe. *Não importa se sua casa fede a pocilga. Se você tem um título de eleitor, eu vou te visitar*, pensou o vereador e sorriu.

Ele deu duas batidas à porta e esperou que fosse aberta. Quando ela se abriu, o fedor ficou um pouco mais forte.

— Boa tarde, amigo. Sou o vereador Zé do Peixe, prazer em conhecer.

O homem não falou nada, mas, vagarosamente, começou a abrir um sorriso. Logo, Zé pôde ver os dentes, metade amarelos, metade pretos, do anfitrião. O vereador sorriu de volta e eles se cumprimentaram com um aperto de mão.

— Prazer, Zé. Pode entrar — disse o dono do casebre, abrindo passagem para Zé e, depois, fechando a porta.

O dono da casa apontou para uma cadeira de plástico na sala, para que seu visitante se sentasse.

— Eu sabia que o senhor vinha — disse o homem.

Zé ficou um pouco sem reação. Alguns eleitores eram agressivos durante suas visitas, porque abominavam essa prática do político de só aparecer em época de eleição.

Ele esperou alguma crítica ou agressão do anfitrião. Mas, em vez disso, o homem apenas disse:

— Um anjo me disse que o senhor vinha hoje.

A recepção não foi agressiva, mas surpreendeu Zé do mesmo jeito.

— E ele disse coisas boas sobre mim? — Foi tudo o que Zé do Peixe conseguiu falar.

De repente, o sorriso do homem sumiu. Zé percebeu que não deveria ter falado aquilo e tentou logo emendar uma conversa para amenizar a situação.

— Estou visitando o povo da minha cidade, querendo conhecer melhor os problemas, saber o que fazer para melhorar suas vidas.

Ainda sem sorrir, o homem ofereceu um café para Zé do Peixe. O vereador estava com nojo de consumir qualquer coisa daquele barraco fedorento, mas achou melhor aceitar, já que havia começado mal a conversa.

O anfitrião foi até a cozinha e começou a preparar o café. Zé aproveitou para olhar à sua volta. Não havia nenhuma estátua de santo pendurada no telhado, mas havia uma enorme imagem de Nossa Senhora Aparecida num canto da sala, com duas velas acesas. Cercando-a, havia pequenas estátuas de anjos.

Não havia televisão, nem sofá. Apenas uma mesa e três cadeiras de plástico, daquelas usadas em piscinas e bares de praia. Iluminando aquela sala, que devia ter uns nove metros quadrados, havia apenas uma lâmpada pendendo do teto.

Ele ouviu o assobio da chaleira e sentiu o cheiro do café sendo preparado. Alguns minutos depois, o anfitrião voltou à sala, com uma xícara de café e um prato com pão, manteiga e uma faca.

— O senhor disse que era vereador.

— Sim. O senhor mora aqui há muito tempo? Nunca te vi por aqui.

— Tem um ano que eu me mudei pra cá — respondeu o homem, que permanecia em pé. — Também nunca vi o senhor por aqui.

Zé do Peixe pegou a xícara e levou-a à boca.

— Pois é. A vida de vereador não é fácil. E sempre tem tanta gente precisando de alguma coisa. Quando posso, eu faço questão de visitar pessoalmente cada morador desta cidade. — É claro que ele não disse que essas visitas só ocorriam no período de campanha eleitoral.

O homem ficou apenas encarando Zé do Peixe, sem dizer nada.

— É sempre importante ouvir o cidadão. Afinal, sou apenas um representante do povo — continuou o político.

— Você acredita em anjos? — perguntou o homem, mudando radicalmente de assunto.

Eu acredito em anjos, em santos e até em unicórnio, se isso me garantir seu voto, pensou Zé.

— Você acredita em anjos? — repetiu o homem, desta vez mais rispidamente, antes que Zé pudesse responder.

— Sim, claro — Zé respondeu, bebendo mais um gole do café, em seguida.

O homem continuava em pé, ao seu lado.

— Não sei se você vai continuar acreditando depois do que vou te falar — disse o homem, com uma voz assustadoramente rouca.

Sem saber por que, Zé começou a ficar com medo e resolveu calar-se.

O homem pegou a faca e esfregou na manteiga. Era uma faca enorme, de cortar carne. *Nada adequada para passar manteiga num pão*, pensou Zé.

O anfitrião terminou de roçar a faca na manteiga, mas, em vez de levar ao pão, levantou-a e ficou observando-a. O homem abriu seu sorriso de dentes podres e olhou para Zé. O vereador deveria ter antecipado o que estava por vir e tirado sua mão de cima da mesa, mas, por algum motivo, ele ficou paralisado.

Quando a ponta da faca perfurou e atravessou sua mão, a dor foi insuportável. Zé urrou. O homem não mudou seu comportamento. Continuou a sorrir e a encarar seu visitante.

— Você sabe o que o anjo me falou?

Ainda que soubesse o que responder, Zé não conseguiria falar. Apenas ficou berrando, com sua mão presa na mesa por aquela faca.

— O anjo me mandou matar todo mundo que batesse na minha porta nos próximos três meses.

Zé, que não parava de gritar, viu que o branco dos olhos do homem ficou completamente vermelho. Talvez fosse apenas sua mente lidando com a dor. Mas isso o fez gritar mais alto.

O dono da casa tirou uma tesoura do bolso, abriu-a e enfiou cada lâmina em

uma narina, até que elas chegassem aos olhos de Zé.

— Não me pergunta por quê. Eu só faço o que ele manda. Não quero saber o motivo — falou o anfitrião.

Sangue começou a sair pelo nariz e pelos olhos de Zé. O vereador então viu que todos os dentes do homem estavam pretos. Uma língua bifurcada saía de sua boca. Mas podia ser apenas a visão embaçada pelo sangue.

— Se é o que ele quer, eu faço! — disse o homem com sua voz rouca.

Zé queria dizer para o homem deixar de ser maluco e tirar a tesoura de seu nariz, mas só conseguia berrar.

Então o homem enfiou o pão inteiro na boca de Zé e cortou sua garganta, deixando-o sangrar até perder a consciência. Zé do Peixe, que só queria um voto, acabou morto depois de perder litros de sangue.

Antes de morrer, Zé viu um anjo atrás do dono da casa. Ele tinha asas feitas apenas de ossos, os olhos vermelhos, a língua bifurcada e sorria, com dentes metade amarelos, metade pretos. Talvez nem fosse um anjo, porque transpirava maldade em excesso. Talvez fosse apenas o cérebro de Zé parando de funcionar.

***

Cinco dias depois, uma pessoa voltou a bater à porta do casebre de tijolo aparente que tinha cheiro de galinheiro e comida estragada.

— Bom dia, me chamo João do Gás. Sou candidato a vereador.

O dono da casa sorriu com seus dentes metade amarelos, metade pretos.

— Prazer, João. Um anjo me disse que o senhor vinha hoje.

AUTO DE RESISTÊNCIA

— O que a gente faz agora, caralho?

O soldado Eurico suava sob sua farda azul. Ele estava há apenas seis meses na polícia e nunca tinha disparado um tiro sequer.

— O que a polícia sempre faz, porra. Pega a merda daquele revólver! — gritou de volta o sargento Nélio, com quinze anos de polícia e dezenas de tiroteios no currículo. Tremendo, Eurico abriu sua mochila e pegou um velho revólver calibre 38, com numeração raspada, que ele sempre carregava quando saía em patrulhamento, para ser usado justamente numa situação como aquela.

Nélio pegou o velho 38, examinou-o e colocou-o na mão do jovem que eles tinham acabado de matar naquela escura viela. O rapaz tinha levado um tiro de fuzil na cabeça e ficado com o rosto desfigurado.

— Nélio, isso vai dar merda! O moleque não é bandido!

Eurico tinha disparado por engano contra o jovem. Os dois patrulhavam a favela naquela madrugada e o soldado se assustou quando o rapaz apareceu repentinamente na viela. Ele não estava armado e provavelmente estava apenas tentando chegar ao trabalho, quando foi alvejado.

A imperícia de Eurico tinha sentenciando um inocente à morte simplesmente porque ele apareceu no lugar errado, num momento inadequado. E, agora, era preciso resolver aquilo.

— Claro que é bandido! Olha a arma na mão dele — Nélio falou, ao mesmo tempo em que envolvia o cabo do revólver 38 com a mão do morto e apontava a arma em direção à entrada da viela.

Eurico deu um pulo quando o sargento usou o dedo do rapaz morto para disparar a arma.

— Pronto! Está aqui a prova de que foi legítima defesa. A gente registra na delegacia como auto de resistência. Diz que ele resistiu à prisão, atirou na gente

e você atirou de volta. Não foi isso que aconteceu?

— Mas ele nem se parece com um bandido, Nélio. Olha a roupa dele. Ele está todo arrumado para o trabalho.

— Eu sei, caralho. E o que você quer que eu diga? Que você assassinou um jovem que acordou cedo para ir trabalhar? Imagina a merda que isso vai dar. Foi legítima defesa. Ponto-final.

— O que a gente faz agora?

— A gente joga na viatura e leva pro hospital.

— Hospital? Caralho, Nélio! Ele tá mais do que morto. Olha a cara dele!

— Eu sei que ele tá morto, porra. Não sou idiota. Mas a gente precisa desfazer essa cagada antes que a perícia chegue. Não precisa de muito esforço do perito pra ver que a gente forjou uma troca de tiros. A gente leva pro hospital e diz que tentou salvar a vida dele.

O jovem não era muito pesado, mas os dois policiais tiveram dificuldade para levantar o corpo. Nélio, que era mais forte, segurou-o pelos braços. Eurico carregou as pernas.

Chegando ao carro, Eurico abriu o porta-malas. O cadáver foi jogado ali dentro. Surpreendentemente, não havia ninguém na rua para testemunhar aquilo e Nélio ficou feliz por isso.

O sargento sentou-se no banco do carona, enquanto Eurico, ainda meio desorientado, sentou-se ao volante.

— Vambora, porra! — gritou Nélio.

O carro saiu cantando pneu. O hospital ficava a cerca de meia hora de onde eles estavam e, durante os dez primeiros minutos do trajeto, eles não trocaram qualquer palavra.

Foi Eurico quem quebrou o gelo, ao escutar um barulho diferente, vindo da traseira do carro. Pareciam batidas e vinham do porta-malas. Inicialmente, o som era baixo e ocultava-se facilmente sob o ruído do motor do veículo. No entanto,

o volume das pancadas foi aumentando até se sobressair dentro do carro.

— Tá ouvindo isso, Nélio?

O sargento, que estava mais preocupado em limpar o sangue de suas mãos, não tinha reparado no barulho até Eurico chamar sua atenção.

— Tá vindo do porta-malas, cacete! É o cara! Não sei como, mas ele tá vivo, Nélio! — disse o soldado, enquanto desacelerava o carro até parar.

Com a parada do carro, os dois puderam ouvir mais claramente os sons de pancada.

— Puta que o pariu! Se esse viado tiver vivo, vai foder pra gente! — disse Nélio, já saindo da viatura policial.

— O que você vai fazer, cara?

— Vou acabar de matar esse filho da puta. Se ele sobreviver, pode testemunhar contra a gente — o sargento falou, aproveitando-se do fato de estarem em uma estrada deserta, cercada por matagais.

Eurico desligou o carro e seguiu o parceiro até a traseira da viatura. O barulho das pancadas vinha de dentro do porta-malas. A vítima parecia estar desesperada para sair e esmurrava a lataria do carro.

Nélio empunhou sua pistola e apontou para o porta-malas.

— Abre essa porra, Eurico!

O soldado hesitou um pouco e, com as mãos tremendo, apertou o botão que abria o porta-malas.

Nélio estava preparado para apertar o gatilho, caso o jovem resolvesse criar problemas, mas, quando a porta se abriu, os dois ficaram atordoados. Não havia ninguém ali dentro.

— Que merda tá acontecendo? Cadê a porra do moleque? — berrou Nélio.

Eurico andou para trás e quase se desequilibrou. O porta-malas estava todo

sujo de sangue, mas o corpo não estava mais ali.

— Você trancou a porra da mala, Eurico?

— Claro que tranquei. Ele não poderia ter saído. Você não tava ouvindo as pancadas ainda agora, antes de eu abrir a mala?

Ainda sem entender o que estava acontecendo, o soldado fechou o porta-malas. Assim que a porta baixou, os dois policiais gritaram ao mesmo tempo. Apesar da escuridão da madrugada, eles puderam ver a silhueta no banco de trás do veículo.

Eles não tinham ideia de como o homem havia saído da mala e entrado no carro, mas, de alguma forma, ele estava ali, sentado no banco traseiro, imóvel. Eurico sacou sua pistola e caminhou em posição de tiro até a porta lateral traseira, abrindo-a de supetão.

O homem continuou olhando para a frente, sem mover um músculo. O soldado sentiu que Nélio chegava por trás de si, para lhe dar cobertura, também com a pistola empunhada na direção daquele jovem que eles achavam estar morto até minutos atrás.

— Levanta as mãos! — gritou Eurico.

Nenhum movimento dentro do carro. O homem continuou parado, forçando Eurico a encurvar seu corpo e entrar no veículo.

— Eu disse pra levant... — A ordem do soldado foi interrompida, quando, em um movimento brusco, a mão do homem rasgou a pele da garganta de Eurico e fechou-se em torno de sua laringe.

Também de forma abrupta, a mão puxou o tubo respiratório para fora do corpo do policial, fazendo-o se sacudir convulsivamente. No meio da confusão, Nélio viu que seu parceiro estava sendo atacado, mas não quis atirar, porque podia atingi-lo.

Quando, porém, o corpo estrebuchante de Eurico foi empurrado porta afora, Nélio resolveu disparar. Foram três tiros na direção do jovem. Apesar dos disparos, o homem saiu do carro, parecendo não ter sentido as balas que perfuraram seu corpo.

Atônito, Nélio deu alguns passos para trás, com a pistola apontada para aquele homem que tinha seu rosto destruído pelo tiro de fuzil, que não se detivera com os tiros de pistola e que agora vinha em sua direção. Ele ainda disparou duas vezes, mas o jovem continuou avançando.

O sargento não fugiu dali e certamente se arrependeu disso quando foi agarrado e lançado contra a lataria do carro.

Nélio uivou de dor ao chocar seu ombro contra a porta. O homem então agarrou com força a mão do sargento que segurava a pistola. O policial estava tão atordoado com aquela situação absurda, que não conseguiu reagir, mesmo tendo sua mão e a pistola conduzidas em direção ao seu olho esquerdo.

Quando Nélio se deu conta do que estava acontecendo, era tarde demais. O homem pressionou o dedo do policial contra o gatilho da pistola.

A história foi noticiada em um programa de jornalismo policial, naquele mesmo dia.

Dois policiais foram encontrados mortos em uma estrada deserta, na zona oeste da cidade. O soldado Eurico Marques foi encontrado com a garganta cortada, enquanto o sargento Nélio Santos foi morto com um tiro no olho. A polícia acredita que Nélio matou o parceiro e suicidou-se. O sargento segurava um pedaço da garganta do colega. O cadáver de um jovem, ainda não identificado, foi encontrado no porta-malas do carro, com um tiro no rosto.

DISCO DE VINIL

Ele colocou o disco na vitrola, ao mesmo tempo em que dava mais um gole na cerveja. Seu relógio marcava 21h10. Ficaria ali no "quarto da vitrola", como chamava o cômodo onde guardava sua coleção de vinis, provavelmente até a meia-noite, escutando música.

Era um ritual de sexta-feira. Chegava do trabalho por volta das 21h. Depois de subir os dez andares de seu prédio pelo elevador, chegava ao apartamento e logo tirava o sapato, largando-o na porta de casa. A camisa, ele jogava em cima da mesa da sala.

A geladeira era a primeira parada depois de se livrar da camisa e dos sapatos. Abria uma garrafa de água e a bebia pelo gargalo. Depois, pegava uma cerveja.

Olhou novamente para o disco na vitrola. O LP não tinha qualquer selo que identificasse o nome da banda ou o título do álbum. Era uma bolacha toda preta. Ele limpou a baba de cerveja que escorregou de sua boca, colocou a lata em cima de uma das caixas de som e pegou a capa do disco, que estava deitada sobre a outra caixa de som.

Não se tratava de um álbum comum. Era diferente de tudo que ele já tinha visto nos sebos que costumava frequentar, em busca de vinis raros. Não havia nada escrito na frente da capa, apenas uma imagem meio distorcida de uma caverna em chamas, como se evocasse um cenário infernal.

A imagem, em si, não era o diferencial. Já tinha visto muitas coisas semelhantes, nos mais variados LPs de bandas de *heavy metal*, *death metal* e *black metal*. Imagens do inferno, do diabo, de coisas macabras fazem parte do universo metaleiro. O que chamava a atenção era justamente a inexistência de qualquer referência à banda e ao título do álbum.

Ele virou a capa do LP e verificou que a imagem do verso era semelhante à da capa. A diferença era que ali, sim, havia coisas escritas, em letras minúsculas. Ele leu: 1. Intro - 15'66". Parecia indicar uma das faixas do disco, com o nome da música e o tempo de duração. Mas é a única música, pensou, achando uma

certa graça.

Não havia uma faixa número 2, ou uma número 3. Apenas a faixa 1, chamada de Intro. *Intro de quê? Se não há uma faixa 2, porque há uma introdução? Introdução de que música?*

Ele pegou a cerveja e deu outro gole, sem tirar os olhos da capa do disco. Ele nunca vira um disco sem o nome da banda. Colocou a cerveja de volta sobre a caixa de som e, então, colocou a agulha sobre o vinil, para que o disco pudesse começar a tocar.

Os sons de uma guitarra e de um baixo logo começaram a encher o quarto com uma música esquisita. Não parecia ser uma banda de *heavy metal*. O som se parecia com um rock psicodélico, um monótono rock psicodélico, com três notas sempre se repetindo.

Um teclado acompanhava o som da guitarra e do baixo. *Não, não é um teclado. Definitivamente é um órgão, daqueles que você encontra em igrejas antigas*. Era possível também distinguir o som de uma bateria. Era uma batida de rock. Era mesmo um rock. Algo monótono, mas certamente um rock psicodélico.

O som já se arrastava por cerca de um minuto. As notas musicais mudaram um pouco, mas nada que tornasse a música mais interessante de ser ouvida.

— Puta que o pariu, por que fui comprar essa merda? — falou consigo mesmo e riu.

Antes de chegar à sua casa, ele havia passado em um sebo de discos velhos, algo que costumava fazer, quase diariamente, em busca de raridades. Ele recebia um bom salário na empresa multinacional onde trabalhava. Como era solteiro e não tinha muito com que gastar, vinha usando o dinheiro na ampliação de sua coleção de discos de vinil. Colecionava LPs desde os 12 anos de idade. Agora, com 37, já reunia cerca de 2.500 discos na sua coleção.

E ele não parava de comprar. Hoje tinha entrado em uma loja antiga, onde nunca tinha pisado antes. Na verdade, nunca tinha percebido que essa loja sequer existia. Encontrou o sebo por acaso, depois que viu uma pessoa sair da porta de um sobrado com alguns discos na mão.

Ele olhou para a porta e viu apenas um corredor apertado, que dava para uma escada de madeira.

Antes de entrar, ele olhou sobre a porta e não viu qualquer letreiro, qualquer indicativo de que houvesse uma loja de discos naquele sobrado.

Mas ele resolveu entrar mesmo assim. Era um sebo novo, afinal. Uma loja onde nunca tinha entrado poderia render algumas raridades para sua coleção.

A loja ocupava o segundo andar do prédio antigo e fedia a mofo e a naftalina. Havia poucas estantes e muitos livros estavam empilhados de qualquer forma. Algumas pilhas iam do chão até quase o teto. Não havia ninguém além de um senhor que, no fundo da loja, via uma pequena televisão, daquelas acopladas a um rádio e a um sistema de despertador.

Quando ele entrou na loja, disse boa noite, mas o velho não respondeu. Mesmo com o chão de madeira podre rangendo sob os passos do visitante, o responsável pela loja não tomou conhecimento da presença dele.

Ele não ficou nem dez minutos no sebo. O fedor era grande, quase insuportável. *Por que você não limpa essa bosta dessa loja?*, pensou, enquanto olhava as pilhas de CDs e LPs colocadas nas poucas estantes.

Não havia muitos discos de rock e a maior parte dos títulos que encontrava já faziam parte de sua coleção. Foi quando ele viu aquela capa bizarra, com a imagem do inferno e sem nada escrito. No verso, apenas a música única "Intro". Ele tirou o disco de dentro da capa de papelão e viu que ele parecia intacto.

Um pequeno adesivo na capa mostrava que o álbum custava 4,99 reais. Era algo barato, estranhamente único e do qual ele nunca havia ouvido falar, mesmo em suas exaustivas pesquisas por raridades na internet. O visual era definitivamente de um álbum de rock. Provavelmente *heavy* ou *death metal*.

Ele olhou para o relógio. Já era tarde: 20h30. Pegou aquele disco, certo de que estava com uma raridade nas mãos, e foi até o velho, que assistia impassível à televisão.

— Boa noite. — Havia sido mais uma tentativa de comunicação.

O velho apenas o olhou com um certo desprezo e pegou a nota de 5 reais de

suas mãos. Vagarosamente, o velho pegou uma sacola de plástico que devia ter uns 300 anos e colocou o disco dentro. Se tivesse exposta à natureza, já teria se decomposto. O senhor, então, passou a vasculhar uma gaveta.

De lá de dentro, puxou uma outra sacola plástica (esta cheia de moedas) e a virou sobre o balcão, jogando mais de três quilos de níqueis sobre a bancada.

— Não... Não precisa. Não quero o troco — tentou dizer para o velho, que apenas o olhou ainda com mais desprezo. — É só um centavo, meu senhor. Não vai me fazer falta. — Ignorando o cliente, o velho procurou uma moeda de um centavo durante alguns minutos, até encontrá-la.

Agora, em sua casa, ele se lembrava da história da moeda e ria, enquanto bebia um outro gole da cerveja. Na vitrola, a música já rodava por três minutos. Um solo de guitarra finalmente quebrou um pouco da monotonia do som.

Com a lata de cerveja em uma das mãos e a capa do disco em outra, ele se largou no sofá, em meio à penumbra de seu quarto. Apenas a luz da cozinha trazia um pouco de iluminação para a casa vazia. Ele preferia escutar a música na escuridão. *É melhor para refletir, para viajar*.

A cerveja já estava quase vazia. Enfim, ele começou a viajar com o som psicodélico da música. Um coral de canto gregoriano entrou na música e, de repente, ele sentiu os pelos de seu braço se arrepiarem. Era algo estranho. A música começara como um rock psicodélico e agora parecia mais uma música sacra, mesmo com a guitarra e com a batida de rock imprimida pela bateria.

O canto gregoriano e o teclado davam um tom estranho ao rock psicodélico daquela banda, cujo nome ele desconhecia.

Sangue...

De repente, junto com a música, aquela palavra passou a ecoar dentro da sua cabeça. *Sangue... Sangue...*

O canto gregoriano cessou e a guitarra voltou a seu ritmo monótono, acompanhada apenas pelo baixo, teclado e bateria. Sinos soavam, vez por outra, dentro da música.

Sangue...

Ele olhou para a capa do disco novamente e bebeu o último gole, já meio aguado e meio quente, da cerveja. Seu olhar se fixou nas chamas desenhadas dentro daquela caverna. Um novo solo de guitarra, seguido por um breve solo de bateria. E a monotonia da guitarra voltou à música.

Sangue...

A palavra continuava martelando dentro da cabeça, cada vez mais parecida com uma voz exterior, do que propriamente com um pensamento seu. Seus olhos continuavam fixos no desenho da capa daquele estranho LP que comprara por 4,99 reais.

A música era estranha. Nunca tinha ouvido um som como esse. Olhou para o relógio. A música devia estar chegando ao fim. Segundo o álbum, a faixa tinha 15 minutos e 66 segundos, de duração. *Espera um pouco!!! Sessenta e seis segundos??? Isso não existe...*

De repente, seus olhos fixos na capa viram as chamas dentro da caverna se mexerem como se fossem fogo de verdade. Ele largou a lata da cerveja vazia e a capa de papelão, como se estivesse segurando uma cobra venenosa, e, involuntariamente, deu um salto para trás, afundando-se no sofá e sentindo o coração chegar até a boca. *Mas que diabos?!*

Sangue... A palavra dessa vez apareceu como se alguém tivesse gritado no seu ouvido...

Ele olhou em volta, no quarto escuro, como se procurasse fantasmas. *Eu estou vendo coisas. Só pode ser*. Merda de cerveja barata. Ele chutou a lata para o outro canto do quarto, soltou alguns palavrões e se abaixou para pegar a capa do disco. O desenho estava imóvel, como se espera que esteja qualquer desenho.

O distorcido desenho das chamas dentro da caverna infernal estava parado. *As chamas nunca se mexeram. É essa música doida que está me deixando maluco*. Ele olhou o verso do álbum e pôde constatar que o tempo da música era mesmo de 15 minutos e 66 segundos. "Intro" era o nome da música que ele já ouvia há mais de 15 minutos, com a guitarra monótona, que expelira poucas notas diferentes durante todo aquele tempo.

Ele virou o disco de novo e viu que o desenho das chamas continuava imóvel. *É certo que essas chamas nunca se mexeram*.

Sangue...

— Cala a boca, porra!!! Cala essa boca!!! — ele gritou dentro do seu quarto, para depois, sentir vergonha de gritar com sua própria mente.

Ele voltou a olhar em volta no seu quarto, com uma respiração ofegante. A fraca luz da cozinha não permitia que ele tivesse uma visão muito perfeita do "quarto da vitrola".

Então, a música parou, de repente, com seis badaladas de um sino. O mesmo sino que fizera participações esporádicas durante toda a música. *Finalmente!* Apenas o barulho da agulha arranhando a parte lisa do vinil podia ser ouvido no quarto.

Aliviado e sentindo o coração desacelerar, recostou-se no sofá e fechou os olhos por alguns segundos. *Vou devolver esse disco. Amanhã mesmo vou àquela porra de loja devolver esse disco. A música é uma merda. A capa é esquisita*.

Sua mão ainda tremia levemente, segurando a capa do disco, quando um som ainda mais estranho voltou a tocar na vitrola. Ele abriu os olhos. *Mas o que está havendo?* A música parecia estar sendo tocada de trás para frente. O som era angustiante. Em vez da guitarra e do teclado, lamentos eram ouvidos.

Gritos desesperados, sons de pessoas que pareciam estar sendo queimadas vivas começaram a sair da caixa de som.

— Mate todos... Mate todos... — Era uma voz de verdade. Não era sua imaginação desta vez. A voz vinha do disco, que, ele imaginava, estava agora rodando ao contrário. Involuntariamente, sua mão começou a tremer. Era uma tremedeira incontrolável.

— Levante-se... Mate todos... Eu quero o sangue deles... Faça seu sangue jorrar... — continuou a voz que vinha do disco.

A tremedeira de sua mão esquerda era tão forte, que ele não conseguia mais segurar a capa do disco.

— Mate todos... Faça o sangue deles escorrer...

A voz era gutural. Os gritos e os lamentos que saíam do disco de vinil

passaram a ser ainda mais fortes.

Sangue... A palavra passou a ecoar dentro da sua cabeça, junto com a gravação angustiante que rodava na sua vitrola. E, dessa vez, ele tinha certeza de que a voz não fora criada por sua própria cabeça. Era alguém que falava dentro de sua mente.

Sangue...

Ele levantou-se. A tremedeira era incontrolável. Com a mão direita, ele tentou segurar a mão esquerda, mas não conseguiu. A mão descontrolada alcançou uma tesoura que estava em cima de uma mesa, ao lado da vitrola.

— Merda — disse, enquanto a mão erguia a tesoura.

— Pegue a faca e mate todos... — continuou a voz do LP. — Venha para a escuridão eterna...

Lágrimas escorriam em seu rosto, enquanto ele olhava as lâminas da tesoura. A mão direita segurava a descontrolada mão esquerda.

— Mate todos... — dizia a voz na vitrola.

— Não... — respondeu, enquanto chorava.

A mão esquerda largou a tesoura. O som parou. A voz parou. Os lamentos e os gritos pararam. Sua mão direita, então, deixou de segurar a outra mão e deitou-se com força sobre o disco que girava em sentido inverso na vitrola.

Com as duas mãos, ele tirou o disco da vitrola e o arremessou com força contra o chão, partindo-o em três. Os pedaços de vinil partidos passaram a ser pisoteados e partiram-se em 15 partes.

— Foda-se, disco maldito — gritou para a escuridão.

Depois disso, ele abaixou-se e recolheu os cacos do disco. Teve certa dificuldade porque suas mãos tremiam de nervoso, mas conseguiu recolher todos eles. Foi até a janela e atirou os pedaços.

Enquanto os cacos caíam pelos dez andares do edifício, ele cuspia, com

ódio, sobre aqueles pedaços de vinil. Cuspiu até perder toda saliva que estava em sua boca.

— Mate-se agora, seu filho da puta. Mate-se na escuridão eterna do diabo que o carregue — gritou pela janela.

No prédio da frente, uma mulher olhou para ver quem era o lunático que gritava na janela. Ele lembrou-se da capa do disco, daquela caverna feia, cheia de fogo desenhado. Pegou o pedaço de papelão e também arremessou-o pela janela.

Um sorriso nervoso surgiu no seu rosto, enquanto via a capa do disco cair girando 30 metros prédio abaixo. Seu coração ainda pulsava acelerado. Ele voltou-se para o quarto, tentando desacelerar sua respiração e sua frequência cardíaca.

Saiu do quarto e foi ao banheiro. Precisava jogar uma água no rosto e se recompor da cena insólita que tinha acabado de vivenciar em seu próprio apartamento. *Não foi real. Foi só uma viagem maluca. É claro que não foi real*, pensou, enquanto jogava uma água no rosto.

Suas pernas tremiam a tal ponto que ele precisou se escorar na pia do banheiro, para não cair. Olhou seu rosto no espelho e viu que estava apavorado. Real ou não, a experiência no quarto da vitrola tinha sido horrível.

Jogou mais água no rosto. Mas não conseguia se esquecer da imagem da capa do disco. Tampouco conseguia se esquecer do rosto do velho do sebo de LPs ou do troco de um centavo que o homem insistiu em dar-lhe pela compra de 4,99 reais.

Seus olhos estavam vermelhos. Não de choro, porque ele não chegou a chorar, apesar de algumas lágrimas terem escorrido. O vermelho era um reflexo dos vasos sanguíneos que, durante seu esforço para conter sua mão descontrolada, haviam recebido grande fluxo de sangue.

Ele olhou seu braço. Havia um pequeno corte em seu pulso direito. Não sabia se havia sido cortado pela tesoura que estava em sua outra mão ou se, no desespero de recolher logo os cacos do LP, havia se cortado com um deles.

Deixou a água da torneira escorrer um pouco por seu braço levemente

ferido. Seu rosto também estava vermelho. Estava quente. Seu coração só agora começava a desacelerar.

— Sangue...

Seu coração deu um pulo. A voz não vinha de dentro da sua cabeça. Vinha de fora do banheiro, de algum lugar de seu apartamento.

— Sangue...

Neste momento, seu relógio despertou. O som agudo do despertador o fez olhar para o display digital no seu pulso. "15:66", marcavam os números.

— Não. Não pode ser.

De seu quarto começou a sair um som familiar. Uma guitarra psicodélica, com um repetitivo som de três notas, acompanhado de um teclado, um baixo e uma bateria. Todos os pelos de seu corpo se arrepiaram e sua primeira reação foi pensar em sair correndo de dentro de casa, como um coelho perseguido por um lince.

— Isso é impossível. Eu destruí esse disco e joguei os pedaços pela janela.

Esquecendo-se de fechar a torneira, ele voltou para o quarto, caminhando sem acreditar naquilo que estava acontecendo. O som da guitarra enchia o quarto, ainda mais alto do que antes. Ele olhou para a vitrola e lá estava ele. O disco girava em seu aparelho de som.

A capa do disco também estava lá, deitada sobre uma das caixas de som, exibindo sua tosca imagem do inferno, com suas chamas distorcidas. Então o disco, de repente, parou no meio da música e começou a girar ao contrário, da mesma forma como havia acontecido antes.

— Não... Por favor... Não...

— Mate todos... Mate todos... — a voz gutural voltou a falar, acompanhada pelos gritos atormentados e por lamentos — Levante-se... Mate todos... Eu quero o sangue deles... Faça seu sangue jorrar...

Mate todos... Faça seu sangue jorrar...

Desta vez, ele não conseguia mais controlar qualquer de seus movimentos. Seu corpo foi em direção à tesoura que ele havia largado ali no quarto.

— Pegue a faca e mate todos... Venha para a escuridão eterna... Mate todos...

Então, sua mente se desligou.

Ele acordaria algum tempo depois, sentado no chão da sala, escorado na parede. Ele despertou num sobressalto. Seu apartamento estava completamente silencioso. Nenhuma música, nenhuma voz, nenhum lamento. Apenas o barulho dos carros, dez andares abaixo.

Na mão esquerda, estava a tesoura. Ele largou o objeto no chão e levantou-se. Tentou apertar o interruptor, mas a sala estava sem luz. O apartamento estava todo apagado.

A única luz vinha de fora de seu apartamento. Podia ver a fraca iluminação pela fresta da porta, que não estava completamente fechada.

Então, sentiu que estava todo molhado. Passou a mão pelo peito e pela barriga e, depois, aproximou-a do nariz e do olho. Era sangue. Estava todo ensanguentado. Parecia ter saído de um açougue. Instintivamente, ele tateou todo seu corpo, em busca de ferimentos.

Não, ele não estava ferido. Ele andou meio cambaleante até a porta. Sua cabeça parecia ter recebido uma sequência de socos, de tanto que latejava.

Foi até a porta e a abriu para que entrasse a luz e, ainda olhando seu corpo, viu que estava banhado em sangue. Depois, olhou para fora e viu apenas o pé de uma jovem deitada, saindo pela porta do apartamento ao lado.

Andou até ali, se escorando na parede e, conforme chegava mais perto do pé da jovem, via que também ela estava toda ensanguentada. Horrorizado, ele chegou perto da porta do apartamento vizinho apenas para ver aquela cena.

A jovem deitada era sua vizinha, uma adolescente de 16 anos de idade. Seu corpo também estava banhado em sangue, com diversas perfurações. O rosto

estava desfigurado, retalhado por alguma lâmina. O olhar dele se direcionou para dentro da casa, onde havia mais quatro corpos jogados pela sala. Era a família da moça. O pai, a mãe e os dois irmãos menores. Todos retalhados e banhados em sangue. Na televisão, ainda ligada, passava um telejornal.

Seu coração disparou. Ele olhou para si próprio e depois, mais uma vez para os corpos rasgados, perfurados no apartamento vizinho. Seu rosto virou-se para o seu próprio apartamento e viu a tesoura largada no chão da sala.

Não!!! Eu não fiz isso!!!

Ele voltou para o apartamento, de forma apressada e trancou a porta atrás de si, sem fôlego. Andou até onde tinha largado a tesoura. Seus olhos começaram a se embaçar.

— Não!!! Eu não matei!!! — gritou, para depois ajoelhar-se, chorando. — Eu não matei essas pessoas... — repetiu, desta vez apenas em voz baixa.

Não sabia o que fazer. Na verdade, não sabia se estava sonhando ou se realmente aquele massacre tinha acontecido. Tudo parecia muito estranho. Passou a mão de novo pelo corpo. O sangue continuava ali. Parte dele estava seco, mas muita coisa ainda estava úmida.

Baixou sua cabeça e desabou em lágrimas. Uma ânsia de vômito fez com que ele despejasse no chão da sala todo o lanche que fizera na lanchonete de sua rua, antes de chegar à sua casa.

Seus olhos embaçados e a escuridão de seu apartamento não permitiam que ele visse muita coisa além de seu próprio corpo.

— Eu não matei ninguém... — balbuciou, ao mesmo tempo em que seu relógio despertava mais uma vez.

Quinze para meia-noite. Era o horário que ele marcava. Por uns instantes, ficou olhando a luz que saía do display do relógio. Ficou ali, ajoelhado, com a cabeça baixa e a mão esquerda erguida, para que pudesse olhar as horas.

— Sangue...

Ele olhou ao redor, para a escuridão, assustado. Era a voz de uma mulher

sussurrando.

— Sangue... Sangue... Sangue... Sangue...

A voz ficou se repetindo na escuridão, cada vez mais grave, cada vez mais masculina. Até que atingiu o tom gutural da gravação do LP.

— Sangue...

— Não...

O relógio despertou mais uma vez. Os números então começaram a regredir. A cada segundo, o relógio regredia um minuto: 23h44... 23h43... 23h42... Ficou assim por 7 minutos e 45 segundos. Depois, de 16h00 passou para 15h66 e parou. Mais uma vez despertou. Uma risada ecoou pelo apartamento.

— Não... De novo não — sussurrou, soluçando.

Então, no silêncio do apartamento, pôde ouvir o barulho da agulha da vitrola se mexendo, no quarto, ao lado da sala onde estava. E o som de uma guitarra monótona, de três notas, encheu o apartamento com aquela mesma música psicodélica, que já ouvira antes.

— Por favor, meu Deus... Não...

Mais uma vez, o disco parou e começou a girar ao contrário. Os gritos e lamentos de almas torturadas saíram das caixas de som. Acompanhadas da voz gutural.

— Mate-se... Mate-se... Tire sua vida... Faça seu sangue jorrar... Fure seus olhos... Corte sua garganta... Mate-se...

Suas mãos começaram a tremer. Era uma tremedeira incontrolável, ao mesmo tempo em que uma de suas mãos pegava a tesoura do chão e levantava em direção aos seus olhos.

— NÃÃÃÃÃOOOOOOO!!!

Sangue...

BETA

Eu nunca quis ter um peixe-beta. Na minha infância, era comum visitar meus primos. Na casa deles, havia dois desses peixes. Eram dois machos e não podiam ser colocados no mesmo aquário, porque senão brigariam até a morte. Eles eram criados em dois potes de vidro de azeitona. Não via muita graça nesses animais. Eles eram bonitos, sem dúvida, mas, nos minúsculos aquários improvisados, os bichos ficavam simplesmente nadando melancolicamente para cima e para baixo, uma vez que não havia muito espaço para eles se deslocarem para frente ou para os lados.

Meus primos também não davam muita atenção a eles. Acho que eles só estavam ali por vontade do meu tio, que sempre gostou de animais.

Comprei um beta quase por acaso, anos depois de conhecer essa espécie na casa dos meus primos. Eu estava na loja de animais, em busca de ração para o meu gato, quando vi aquele peixe, nadando em um minúsculo aquário.

Ele era o único beta disponível naquela loja. Todos os outros nove aquários onde, em algum momento, estiveram nadando peixes semelhantes, estavam vazios. Sua bonita coloração vermelha chamou minha atenção.

Não sei por que decidi comprá-lo. Nunca liguei muito para peixes. Gatos sempre foram os únicos animais que me interessaram. Então, recordando-me hoje daquele dia, é um pouco surpreendente que eu tenha pegado 10 reais na minha carteira e comprado o beta.

Hoje posso afirmar, com absoluta certeza, que foi a pior decisão que tomei em minha vida. Naquele dia, entretanto, eu não sabia que estava condenado. No início, eu fiquei encantado com aquele animal. Ele tinha um estranho dom de me hipnotizar. Em seu primeiro dia aqui em casa, logo depois que posicionei seu aquário no criado-mudo ao lado da minha cama, fiquei olhando-o se movimentar vagarosamente por quase 20 minutos.

Só despertei de meu transe quando percebi que meu gato estava insistentemente roçando na minha perna e ronronando, lembrando-me de que tinha que colocar comida em seu pote.

Nos primeiros dias, foram várias as vezes em que eu me desliguei do mundo e fiquei minutos observando o vaivém vermelho do pequeno animal. Mas, depois de aproximadamente um mês, eu simplesmente parei de prestar atenção no peixe. Ele ficava ali, como um bibelô que você se acostuma a ver e passa a ignorar.

E não demorou muito para que eu começasse a me esquecer de colocar comida para ele.

Foi justamente nesse período que eu descobri que esse não era um peixe qualquer. Ele era uma criatura demoníaca.

Era uma sexta-feira à noite e eu cheguei do trabalho cansado. Nem liguei para a minha namorada ou tomei banho. Eu simplesmente tirei o sapato e caí na cama, adormecendo quase instantaneamente.

Eu dormia há aproximadamente uma hora quando comecei a sonhar que estava sendo sufocado. Com falta de ar, despertei em uma agonia extrema. Acordei sem conseguir respirar. Algo estava entalado na minha garganta. E o que quer que estivesse impedindo a entrada de ar ficava se movendo, como se quisesse deslizar para dentro de mim.

Então, num ato de desespero enfiei a mão na goela e puxei aquilo que estava me sufocando. Era o peixe. Não sabia como, mas ele havia pulado do aquário para dentro da minha boca e tentava nadar garganta abaixo.

Coloquei-o no aquário, ao mesmo tempo em que vomitava. Vomitei porque cutuquei minha goela e também porque senti um gosto horrível de peixe podre. Mesmo depois de vomitar, beber água, tomar café e escovar os dentes, o gosto permaneceu.

Enquanto bochechava com um antisséptico bucal, tentando aliviar aquele gosto ruim, olhei para o aquário. O peixe ficou um tempo parado e depois começou a nadar para cima e para baixo.

Foi então que lembrei-me de que não o alimentara nos últimos três dias. Talvez o peixe estivesse com fome e, num ato de desespero, tentou buscar comida fora da água. Pelo menos foi o que pensei naquela hora. Afinal, até então, apesar de ter me deixado surpreso, o peixe não fez nada muito extraordinário. Peixes, às vezes, pulam para fora da água. E eu dormia ao lado do aquário.

Resolvi colocar a tampa no aquário, coisa que eu não tinha feito desde que instalara o peixe no criado-mudo, ao lado da minha cama.

Os dias se passaram e voltei a me esquecer de colocar comida para o beta. E, outra vez, acordei com uma sensação terrível de asfixia. Mais uma vez, o peixe tinha pulado dentro da minha boca.

Consegui, com algum esforço, tirá-lo da minha garganta e coloquei-o de volta no aquário. A tampa estava caída sobre o criado-mudo.

Senti novamente aquele gosto de podridão. Minha janta voltou pela minha garganta, mas, desta vez, não vomitei. Fiquei meia hora escovando minha língua, sem conseguir tirar o gosto.

Naquela noite, não voltei a dormir. Peguei a tampa e verifiquei como era relativamente pesada, pelo menos para que um peixe pequeno como o beta conseguisse removê-la de cima do aquário. Olhei para ele, que nadava de forma monótona, ignorando meu olhar perplexo.

Tirei o aquário do criado-mudo e coloquei-o sobre o outro único local disponível, a mesa onde ficava a televisão. Eu moro em um conjugado, que tem um quarto, um banheiro e uma minicozinha. Não há muitos lugares onde eu pudesse colocar aquele peixe.

Mas, pelo menos, afastei-o, o máximo que pude, da minha cama. Até aquele momento, ainda não havia notado que aquele peixe era maligno. Claro, eu tinha achado muito estranha a façanha conseguida por ele, de tirar a tampa do aquário e de ter pulado dentro da minha boca. Mas, até então, o que acontecera estava dentro das possibilidades da física.

Eu tampouco tinha percebido que o peixe estava querendo me punir por eu ter me esquecido de alimentá-lo.

Só comecei a ficar assustado quando, pela terceira vez, ao me esquecer de colocar comida no aquário, ele apareceu na minha boca de novo. Mas, desta vez, eu estava acordado, assistindo à televisão.

Lembro-me de ter bocejado e, quando fechei a boca, quase engoli o peixe. Ali estava ele, de novo, tentando entrar pela minha garganta e deixando seu gosto putrefato no meu paladar. Foi então que eu percebi que aquele beta não era um

peixe comum.

Ele tinha saído da mesa da televisão e dado um pulo de quase três metros até a minha boca. Aquela era uma criatura do mal, que estava tentando me matar. Matar-me por asfixia.

Depois daquilo, percebi que ele conseguia fazer coisas impossíveis. Coisas que não podiam ser explicadas cientificamente. Eu não poderia mais me esquecer de sua comida, caso não quisesse arriscar ser sufocado por aquele peixe.

O medo que senti ao pensar sobre aquilo era tanto, que eu acendi todas as luzes do meu pequeno apartamento.

Não preciso dizer que não me esqueci mais de alimentá-lo. Mas isso não foi suficiente. Mesmo colocando sua comida todo santo dia, ainda assim, ele continuou tentando me sufocar em outras ocasiões. Aquele corpo esguio, com sua enorme cauda vermelha, tentou me asfixiar algumas vezes.

Passei a temê-lo. Ele se movia pelo aquário parecendo indiferente a tudo o que ocorria à sua volta, mas, no fundo, eu sabia que aquilo era apenas fachada. Ele não só tinha plena ciência do que acontecia fora de seu mundinho aquático, como acompanhava cada passo meu dentro do apartamento.

Pensei que aquele tormento precisava acabar. Joguei o peixe no vaso sanitário e dei descarga. Uma, duas, três, quatro vezes. O maldito não desceu pelo cano de esgoto e continuou nadando no vaso sanitário, como se ali fosse seu ambiente natural.

E, então, ele pulou na minha boca e começou a tentar escorregar pela minha garganta, para interromper minha respiração. Naquele momento, percebi que não seria fácil me livrar daquele pequeno demônio.

Tentei também me livrar do aquário inteiro junto com ele. Deixei-o na lixeira do edifício, joguei-o dentro de uma caçamba de lixo na rua e abandonei-o no meio de uma estrada, a quase 100 quilômetros de distância da minha cidade. Mas, de alguma forma, ele voltava. Ele estava sempre de volta.

E ele sempre reaparecia dentro da minha boca. A cada tentativa de me livrar dele, ele reaparecia algum tempo depois na minha garganta. E o gosto de podre ficava cada vez pior.

Depois da minha última tentativa de me livrar dele, o gosto podre ficou por dois dias na minha boca.

A essa altura, eu já havia parado de tentar uma explicação científica para tudo aquilo. Era algo sobrenatural. E, quanto mais tempo eu passava imerso naquela irrealidade, mais eu parava de tentar compreendê-la.

Eu apenas entendi que aquele beta teria que fazer parte da minha vida e parei de tentar me livrar dele.

Ainda assim, ele voltou a me atacar.

Eu o senti na minha garganta em vários momentos e com certa frequência. O beta tentava penetrar fundo na minha goela em todas ocasiões possíveis: enquanto eu jantava, bocejava ou até mesmo falava ao telefone.

Mas ele preferia fazer isso à noite, enquanto eu dormia. O peixe sabia que esse era o momento mais propício para me asfixiar. Aquele tempo entre despertar e perceber que não estava tendo um pesadelo era de pura agonia.

Foi então que eu notei que ele estava querendo me dar um recado. O gato. O peixe estava insatisfeito com a presença do gato, rondando o aquário o dia inteiro.

A questão é que o pobre felino nunca tentou nada contra o maldito peixe. Ele nunca moveu uma pata para machucar o filho da puta do beta. Ainda assim, ele queria o gato longe dele.

Demorei um tempo para perceber que era isso que incomodava o beta. Quando eu pedi para minha namorada ficar com o gato por um tempo em seu apartamento, os ataques do peixe cessaram.

Mas depois que ela disse que não poderia mais ficar com o animal, por pressão de seus pais, e tive que receber o gato de volta, o beta voltou a tentar me asfixiar.

Aquela situação se prolongou por cerca de dois meses, até que eu não aguentei mais. Eu não conseguia dormir ou sequer abrir minha boca, com medo de que o peixe tentasse me matar.

Eu estava virando um escravo daquele peixe maligno. Tinha que obedecê-lo a

qualquer custo. E, como não conseguia me livrar dele, tive que me desfazer do gato. O problema é que o felino também sempre voltava. E ele não precisava de nenhum esforço sobrenatural para fazer isso. Ele simplesmente seguia seu instinto e retornava para a casa onde o alimentavam.

Foi numa madrugada de desespero que o beta me fez cometer a maior das barbaridades. Ele tinha ido fundo na minha garganta daquela vez e tive muita dificuldade em tirá-lo de lá. A cada vez que eu puxava o rabo dele, ele se sacudia e penetrava mais. Eu já estava quase sem ar, quando finalmente consegui arrancá-lo dali.

Eu o arremessei com força na parede e ele ficou se debatendo por alguns minutos no chão. Se me perguntarem por que não o deixei morrer, a resposta será simples: eu sabia que ele não morreria. Não aquele beta. Ele não era um peixe comum. Se eu tentasse matá-lo, eu não teria sucesso e a vingança dele seria pior ainda.

Quando o gosto de podre na minha boca começou a ficar insuportável, eu percebi que precisaria colocá-lo de volta em seu aquário.

Logo depois que o beta voltou a nadar, como se nada tivesse acontecido, o gato aproximou-se de mim, ronronando. Olhei para ele e tomei uma decisão.

Sentei-me na cama e o pobrezinho pulou sobre o colchão, se esfregando em mim. Lágrimas escorreram dos meus olhos, mas eu precisava dar um fim naquilo. Peguei meu travesseiro, coloquei-o em cima do gato e comecei a pressioná-lo com toda a minha força. Ele começou a miar em desespero e depois a emitir sons que pareciam gritos. Eu continuei apertando até que tudo ficasse em silêncio.

Então eu chorei. Chorei muito. E adormeci, com o corpo do gato ainda sob o travesseiro e o gosto de peixe podre na minha boca.

E o tormento não parou por aí. Depois disso, o beta pegou implicância com a minha namorada. Ele começou a me punir quando ela dormia na minha casa.

Ele nunca me asfixiou na frente dela. Na verdade, ele nunca fez isso na frente de ninguém além do finado gato. O maldito sempre esperava que eu estivesse sozinho para tentar me matar, de forma que eu não tinha como provar para ninguém que isso acontecia.

Chegou o dia em que tive que terminar meu relacionamento com ela. Já estávamos juntos há três anos e eu a amava demais. Mas entre minha vida e o amor, escolhi viver.

Numa noite de sábado, terminamos de assistir a um filme e ela foi à cozinha pegar um copo d'água. O peixe estava nadando melancolicamente, fingindo, como sempre, não ligar para o que acontecia fora do aquário.

Não esperei que ela voltasse ao quarto. Abordei-a na cozinha e começamos a discutir. Eu não tinha qualquer motivo para terminar com ela, então inventei que não a amava mais. Ela não falou nada. Simplesmente, pegou sua bolsa, com os olhos cheios de lágrimas, e saiu. Aquilo me doeu demais.

Depois disso, ela ficou me ligando. Eu não atendi. Sabia que ela queria reatar nosso namoro, mas também tinha certeza de que meu beta não aceitaria aquilo.

Um dia ela apareceu de surpresa no meu apartamento. Ela ficou batendo à porta até que eu atendesse. Tentei fazê-la ir embora, mas ela não quis sair. Queria entender por que eu não a amava mais. Eu tinha que mandá-la embora.

Ela começou a falar, sem parar. Depois chorou e me abraçou. Enquanto isso, eu olhava para o aquário. Aquele pequeno agente dos infernos nadava de cima para baixo, em seu exíguo espaço. Eu sabia que ele estava insatisfeito com a presença da minha ex-namorada ali.

Eu ainda a amava, mas precisava fazê-la sair dali. Ela disse que não queria se separar de mim e que queria morar comigo ali.

Comecei a ficar ansioso e a suar frio. Eu temia o que o peixe faria comigo, caso eu não me livrasse da minha namorada. O desespero tomou conta de mim.

Não me lembro muito bem do que aconteceu em seguida. Quando me dei conta, estava com as duas mãos no pescoço dela e ela estava quase perdendo a consciência. Assustado com o que estava fazendo, tirei minhas mãos mais do que depressa e pedi desculpas, enquanto ela tentava recuperar seu fôlego.

Ela me olhou assustada, com os olhos esbugalhados. Andando de ré, ela encostou-se na porta, abriu-a o mais rápido que pôde e saiu dali correndo.

Eu não podia acreditar que quase matei a mulher que eu amava, por causa

daquele demônio em forma de peixe.

Minha ex nunca mais me procurou depois daquele meu surto de violência. Ela estava fora da minha vida e, para minha sorte, ela não falou nada para ninguém sobre aquilo. Talvez tivesse medo de que eu tentasse matá-la de novo.

O fim do meu namoro e a minha tentativa de homicídio não foram suficientes para o beta. Com o tempo, a diabólica criatura passou a se tornar cada vez mais exigente. Eu não podia fazer muito barulho em casa. Não podia mais ligar a televisão à noite. Nem podia receber qualquer visita em casa ou sair para me divertir.

Por fim, perdi meu emprego. Vivo recluso com o pouco que consegui economizar. Sei que, em breve, minhas economias vão se esgotar. Eu virei um refém de um peixe minúsculo e, aparentemente, inofensivo.

Ele não fala comigo, de forma que eu demoro a compreender os seus desígnios. Mesmo convivendo com o beta há muito tempo, algumas vezes eu passo semanas tendo que lidar com suas tentativas de me asfixiar até que eu perceba o que ele quer.

Nesse momento, por exemplo, não estou conseguindo traduzir os desejos dele. E tenho percebido que suas tentativas de me asfixiar estão se tornando mais frequentes.

Temo que, antes de eu descobrir o que ele quer, o maldito decida chegar a um ponto da garganta onde eu não consiga mais retirá-lo. O pior de tudo é viver com medo. Medo de morrer sufocado pelo peixe.

Só me resta esperar. Esperar que Deus tenha piedade de mim e leve esse peixe embora. No entanto, tenho cada vez menos esperança de que isso vá acontecer.

Dizem que o beta vive de dois a três anos, em média. Mas já se passaram 15 anos e o meu peixe continua vivo. Continua a viver e a nadar melancolicamente, em seu aquário, com aparente indiferença em relação ao que acontece fora da água. Mas eu sei que ele está acompanhando cada passo meu. Eu sei.

TÚMULO DE AÇO

Roberto inicialmente não ouviu as pancadas na porta de aço de sua cabine e só acordou quando, junto com as batidas, Genésio começou a gritar como um louco. Espantado com aquilo, ele levantou-se de sua cama e correu para abrir a porta.

Genésio quase derrubou-o no chão, ao entrar, esbaforido, na cabine privativa de Roberto, que, como coordenador da plataforma petrolífera, tinha o privilégio de dormir em um quarto individual.

Roberto comandava os trabalhos em uma plataforma localizada a 200 quilômetros da costa brasileira. Sua equipe estava envolvida na extração de petróleo de um reservatório localizado na camada pré-sal, a 7 mil metros de profundidade, abaixo de 2 mil metros de água, de 3 mil metros de rocha e de 2 mil metros de um acúmulo de sal.

— Estão todos mortos! — gritou o recém-chegado.

Com o coração acelerado e buscando se refazer daquele despertar repentino, Roberto ainda tentava ajustar os olhos à escuridão, quando Genésio continuou.

— Estão todos mortos!

— Calma, Genésio! O que está acontecendo? Houve algum acidente?

— O que nós vamos fazer, Roberto? Todos morreram.

Os dois eram engenheiros de petróleo. Enquanto Roberto respondia por toda a plataforma, Genésio era um dos coordenadores de equipe.

— Você já acionou o plano de emergência? Já chamou ajuda? — questionou Roberto.

— O que nós vamos fazer, meu Deus? — disse Genésio, sem responder à pergunta do chefe.

Roberto pegou o interfone de sua cabine e percebeu que estava mudo.

— Temos que falar com a sala de controle — disse Roberto, enquanto colocava seu macacão laranja de trabalho e pegava seu capacete de cima da mesa — O que houve?

Genésio continuou murmurando, repetindo em voz baixa que todos tinham morrido.

— Porra, Genésio, eu preciso que você se recomponha. Precisamos colocar em prática o plano de emergência. Quantos morreram?

— Estão todos mortos — respondeu, com cara de choro.

Roberto percebeu que a situação era muito grave. Ele já tinha treinado inúmeras vezes para uma situação de emergência na plataforma, mas nunca tinha enfrentado nenhum problema de verdade, em seus 15 anos como engenheiro de plataforma. Pelo menos nada tão grave quanto uma ocorrência com mortos. Ele tentou o interfone mais uma vez, sem sucesso.

— Essa merda não funciona. O que houve? Como foi o acidente?

— Houve uma explosão no módulo de processamento do óleo — respondeu lacônico.

— A brigada foi acionada? Há algum risco para a plataforma?

— A explosão foi contida no próprio local. O fogo não se propagou — disse Genésio, ainda ofegante.

— Sabe precisar o número de vítimas na explosão?

— Não sei.

— Você já iniciou o protocolo de emergência?

Genésio não respondeu. Roberto perguntou novamente, mas desta vez não esperou por uma resposta.

— Temos que ir até a sala de controle. Preciso saber com que estamos

lidando — disse Roberto, enquanto se dirigia à porta.

Como um raio, Genésio jogou-se entre o chefe e a porta da cabine.

— Genésio, o que você está fazendo? Sai da minha frente. Eu preciso ir até a sala de controle — Roberto tentou empurrar o colega, mas não conseguiu.

— Não podemos sair daqui.

— Porra, Genésio! Do que você está falando? Se houve um acidente na plataforma, temos que acionar os planos de emergência, cacete! — Roberto falou, enquanto lutava com o colega para tirá-lo de sua frente.

Roberto finalmente conseguiu livrar-se do colega e abriu a porta, mas Genésio, em um gesto desesperado, agarrou o braço do chefe.

— Você não pode ir lá fora! — implorou o homem, em desespero.

— Porra, Genésio! Eu sou o responsável pela plataforma. Tenho que saber o que aconteceu e coordenar as respostas pro acidente. Suas informações não estão me ajudando muito.

— Não adianta ir lá fora. Estão todos mortos! Eu já disse!

— Como estão todos mortos? Você disse que a explosão já foi controlada. Eu preciso ir até a sala de controle.

— Eu já passei por lá. Estão todos mortos!

— Do que você está falando, Genésio? Como uma explosão localizada, no módulo de processamento, matou nosso pessoal na sala de controle?

— Não foi a explosão, Roberto... Não foi a explosão... — respondeu, quase em um sussurro.

Roberto esfregou o rosto, impaciente, e saiu para o corredor. Genésio deu um grito e puxou o braço do chefe, com força.

— Você não pode sair!

O chefe desequilibrou-se, tropeçou na soleira da porta e caiu para dentro da

cabine, de costas, batendo com a cabeça no chão de aço. Em vez de ajudar o colega, Genésio apressou-se em fechar a porta da cabine.

Com a pancada, Roberto perdeu momenta-neamente a noção de onde estava e, por alguns minutos, manteve-se deitado no chão de sua cabine.

— O que está acontecendo, Genésio? Por que você não quer que eu saia da cabine?

— Tem alguma coisa lá fora, Roberto. Alguma coisa saiu dos dutos de óleo, durante a explosão, e matou todo mundo.

Roberto levantou a cabeça e passou a mão pela nuca. Seus dedos se sujaram levemente com sangue. Com dificuldade, ele se levantou, ainda um pouco tonto. Genésio finalmente resolveu ajudar e colocou-o sentado na cama.

— Do que você está falando? — perguntou, depois de sentar-se na cama.

— Alguma coisa saiu do duto e matou as pessoas. Eu vi. Eu estava lá.

O chefe pegou seu lençol e passou sobre o ferimento na nuca. Uma pequena mancha de sangue apareceu no tecido.

Genésio estava estranho. Seu olhar parecia de um lunático. Roberto podia estar meio zonzo, mas não o suficiente para se esquecer de quando seu subordinado foi afastado do trabalho, dois anos atrás, por esgotamento mental.

Roberto ainda não era chefe. Ambos eram colegas, coordenadores de equipe na mesma plataforma. Genésio já trabalhava embarcado há cinco anos, mas nunca se acostumara com isso. Para ele, passar 15 dias direto no meio do oceano, longe da família, era um grande tormento.

Então, um dia, Genésio começou a correr pela plataforma, gritando para que todos embarcassem nos botes salva-vidas e deixassem o local imediatamente, porque tudo iria pelos ares. Ele acabou sendo contido e levado de volta para o continente. Não havia nenhum risco de acidente. O homem simplesmente surtara. Roberto estava trabalhando junto com o colega naquele dia e, até hoje, lembra-se de seu olhar. Era o mesmo que ele exibia agora.

O psicólogo da empresa disse que ele estava sofrendo de estafa e que

precisaria se afastar por alguns meses do trabalho. Depois de uma série de avaliações, o mesmo psicólogo disse que ele sofria de esquizofrenia e que ele não poderia mais trabalhar embarcado em plataformas.

Mas o perito da previdência social descartou o diagnóstico de esquizofrenia, considerando-o apto para voltar a trabalhar embarcado. Para ele, o engenheiro sofrera apenas um desgaste mental. Genésio passou a se consultar com um psiquiatra, que concordou com o perito da previdência, e o liberou para qualquer atividade.

O psiquiatra receitou alguns remédios para controlar o estresse e a ansiedade. Genésio queria voltar para a plataforma, porque o salário dos embarcados era maior do que o dos que trabalhavam em terra. Então, ele aceitou a sugestão. Passou a tomar os medicamentos e nunca mais teve uma crise como aquela. Pelo menos até agora, pensava seu chefe.

Ao se lembrar daquilo, Roberto começou a desconfiar que talvez não tivesse havido qualquer acidente na plataforma. Ele sabia que tinha que ter cautela ao lidar com o colega. Tendo havido ou não o acidente, quando Genésio se acalmasse e a situação estivesse sob controle, Roberto pediria a extração do funcionário para o continente.

— Você está achando que estou tendo outra crise, Roberto — disse Genésio, parecendo ler os pensamentos do chefe. — Mas você está enganado. Eu vi a explosão com meus próprios olhos. Eu tentei ajudar os feridos, junto com outros colegas. Mas tudo começou a fugir do controle e precisei fugir de lá.

Roberto ainda tentava pensar numa forma de lidar com aquela situação.

— Você tentou o intercomunicador duas vezes e desistiu porque estava mudo. Não estou inventando nada. Houve mesmo um acidente, mas não há nada que possamos fazer. Acredite em mim — disse Genésio, parecendo genuinamente assustado. — Nossa prioridade agora é salvar nossas vidas.

O chefe levantou-se e dirigiu-se ao interfone. Ele continuava mudo. Talvez houvesse mesmo algo errado com a plataforma. E esse era um motivo para que ele saísse de sua cabine e fosse até a sala de controle. Se tivesse mesmo havido uma explosão, ele precisava coordenar o atendimento aos feridos, conter vazamentos e verificar se havia algum dano estrutural à plataforma.

Quando ele se virou para Genésio, deu de cara com uma tela de celular.

— Eu não consegui filmar a explosão, porque foi tudo muito rápido e estávamos tentando ajudar as vítimas. Mas filmei a criatura depois, quando eu estava fugindo pelos corredores.

O vídeo na tela do celular de Genésio começou a rodar. Roberto viu apenas um corredor vazio da plataforma. A imagem tremia bastante e era possível ouvir a respiração ofegante de Genésio, ao fundo. Então o vídeo acabou.

— Está vendo, Roberto? É por isso que a gente não pode sair. É isso que está à espreita lá fora. Temos que ficar aqui — Genésio falou, quase sussurrando.

— Eu não estou vendo nada, Genésio. O que eu deveria ter visto?

Roberto já estava agoniado com aquela situação. Não sabia se Genésio estava tendo outro surto ou se realmente houvera uma explosão com vítimas na plataforma petrolífera.

— A criatura! A criatura que saiu das profundezas e matou todo mundo nessa plataforma! — respondeu Genésio — Nós não podemos nos arriscar lá fora. Nesse tempo de quase uma hora entre a explosão e a minha chegada aqui na cabine, esse monstro matou todo mundo.

Roberto aproximou-se de Genésio, tentando acalmá-lo para que ele pudesse sair da cabine e descobrir se houvera mesmo a tal explosão.

— Escuta, Genésio. Eu preciso sair daqui. Se pessoas morreram na minha plataforma, eu não posso ficar me escondendo na minha cabine. Eu posso perder meu emprego e ser responsabilizado por não ter dado uma resposta adequada pro acidente.

— Não dá, Roberto. A gente não pode sair. Você não viu o vídeo?

— Não tem nada nessa porra desse vídeo, Genésio. Eu assisti e só vi a câmera apontando para um corredor vazio!

— Tem alguma coisa errada. — Genésio colocou o mesmo vídeo para rodar novamente em seu celular e começou a assisti-lo.

Roberto aproveitou-se da distração de Genésio e vagarosamente andou até a porta da cabine.

— Aqui, porra! Aqui está a maldita criatura! — berrou Genésio, assustando Roberto que abria a fechadura da cabine. — O que você está fazendo, cacete? Não sai da porra da cabine, Roberto!

Genésio levantou-se e empurrou o chefe, antes que a porta pudesse ser aberta.

— Não faça isso, Roberto! Você vai atrair a criatura para cá e ela vai matar nós dois!

— Você está tendo outro surto, Genésio! Você precisa se acalmar!

— Olhe você mesmo! — gritou Genésio, enquanto mostrava o vídeo para Roberto.

Era a mesma cena que havia visto anteriormente. O mesmo corredor vazio, em uma filmagem tremida. Mas, dessa vez, antes que a gravação terminasse, Roberto percebeu, no vídeo, uma fumaça escura aparecendo no final do corredor.

Ele podia jurar que a fumaça não estava ali anteriormente.

Então o vídeo acabou de novo.

— Você viu? Viu a criatura?

Roberto estava perplexo, mas achou melhor não dizer que, desta vez, tinha visto uma fumaça escura aparecendo no final do corredor.

— Não. Não vi nenhuma merda de criatura, Genésio. Você está fora de si. Se continuar me empurrado da forma como você me empurrou agora, eu vou ter que quebrar sua cara, entendeu? Não me importa o que você acha que tenha visto nesse vídeo que você filmou. Eu só vejo uma porra de um corredor vazio.

Roberto agora tinha certeza de que precisava sair daquela cabine. Mesmo que não tivesse havido qualquer acidente, Genésio estava descontrolado e precisava ser contido, para o bem da plataforma.

— Você viu a criatura. Eu sei que viu! — insistiu Genésio, abrindo novamente o vídeo em seu celular e mostrando ao chefe.

Era o mesmo vídeo já assistido duas vezes por Roberto. Nessa terceira vez, no entanto, ele sentiu um calafrio quando, depois da fumaça, uma massa escura amorfa surgiu na tela do celular. Ela se movia como se fosse uma gigantesca ameba preta.

O vídeo terminou e antes que Genésio pudesse perguntar se ele vira a criatura daquela vez, houve uma forte pancada na porta da cabine, do lado de fora. O barulho foi alto, como se alguém tivesse golpeado a porta com algum objeto muito pesado.

Genésio começou a falar, primeiro sussurrando e depois gritando.

— É a criatura. Ela sabe que nós estamos aqui dentro! Ela sabe que nós estamos aqui e vai nos matar!

Roberto começou a achar que talvez estivesse tendo um pesadelo. Nada daquilo fazia sentido. Parecia que a loucura de Genésio o estava contaminando. Ele não tinha mais certeza de que o vídeo no celular de seu colega era real ou de que alguma coisa estava golpeando a porta.

Genésio começou a arranhar seu rosto, ao mesmo tempo em que repetia que a criatura estava tentando entrar na cabine.

Se fosse um pesadelo, Roberto queria acordar.

Uma nova pancada, ainda mais forte, conseguiu fazer um amassado na grossa porta de aço da cabine.

Depois de um minuto de silêncio, em que os dois se mantiveram alertas, eles ouviram algo arranhando a porta. Era parecido com o barulho de três picaretas sendo arrastadas, ao mesmo tempo, contra o aço. O barulho era ensurdecedor.

Genésio continuava repetindo seu mantra, de que a criatura invadiria a cabine e os mataria. Roberto decidiu que não esperaria mais para saber se era um pesadelo ou se tratava-se de um surto alucinatório contagioso.

Ele abriu um pequeno armário que guardava um kit de primeiros-socorros e equipamentos de salvatagem. Junto ao colete salva-vidas, ele achou o que queria: dois foguetes manuais do tipo estrela vermelha, usados para sinalizar pedidos de socorro em alto-mar. Ele pegou um deles.

— Nós nunca deveríamos ter explorado a camada pré-sal. Nunca deveríamos ter perfurado tão fundo — disse, de repente, Genésio, depois de interromper sua ladainha sobre a criatura.

— Cala a boca, Genésio! Eu não sei o que há lá fora. Eu nem sei se o que há lá fora existe mesmo, ou se você colocou essa porra na minha cabeça. Mas estou cansado de você ficar falando merda! — respondeu Roberto, apontando o foguete para a porta. — Preciso de calma pra pensar. E você não está ajudando!

— Nunca deveríamos ter perfurado tão fundo — repetiu.

— Já mandei você calar a porra da boca. Tô cansado das tuas loucuras! — Roberto gritou.

Genésio sentou-se e não falou mais nada.

Mais uma pancada estremeceu a porta. Mais uma vez, um grande amassado apareceu no aço da porta, que já estava deformada. Depois, um silêncio. Por cinco minutos, os dois ficaram parados, esperando que a porta fosse arrombada com uma nova pancada vinda de fora.

Então, uma explosão foi ouvida do lado de fora. Roberto assustou-se. Genésio colocou a cabeça entre as pernas, como se buscasse uma proteção.

Em seguida, uma nova explosão fez toda a plataforma tremer e os dois sentiram que o chão começava a se inclinar. Genésio levantou a cabeça assustado e começou a gritar que a criatura iria afundar a plataforma.

Tentando manter o equilíbrio no chão torto, Roberto dirigiu-se até a porta da cabine e tentou abri-la. Genésio estava tão histérico que, desta vez, não impediu o chefe.

Roberto começou a se desesperar quando percebeu que a porta não se movia. Eles estavam presos dentro da cabine. A maldita criatura havia entortado o aço com suas pancadas. Ele foi até o armário em busca de algo que pudesse

forçar a porta para abri-la.

Não havia nada que pudesse usar.

— A plataforma está afundando, Roberto! Ela está afundando!

Roberto continuou vasculhando o armário.

— Genésio, nós temos telefones por satélite, para usar em casos de emergência. Não estou encontrando o meu. Devo tê-lo deixado no meu escritório. Por favor, me diga que você está com o seu!

Genésio apenas mexeu a cabeça negativamente.

O chefe soltou palavrões e voltou à porta, tentando abri-la à força, mais uma vez.

— Se a gente sair, a criatura vai matar a gente... — disse Genésio em um volume baixo, quase sem forças.

— Foda-se a criatura! Não existe criatura nenhuma! Temos que sair daqui se você não quiser morrer afogado e ter seu corpo sepultado a dois mil metros de profundidade!

Roberto tentou mais uma vez o interfone. Mudo. As lágrimas começaram a deixar seu olho de forma preguiçosa. Mas, em pouco tempo, ele já chorava como um menino que perdeu sua bola de futebol. Mais uma tentativa de forçar a abertura da porta. Sem sucesso.

A plataforma inclinou-se abruptamente mais uma vez. Roberto sabia que a água do mar estava invadindo compartimentos vitais da estrutura e que era questão de tempo até que eles afundassem. Não sabia se esse processo demoraria horas ou dias, mas sabia que, se não saísse dali ou se não chegasse resgate, seu destino seria afundar junto com toneladas de aço.

Ainda chorando, Roberto agachou-se e sentou-se no chão, com as costas encostadas na parede da cabine. Ele não se incomodava mais com Genésio falando sobre o afundamento da plataforma ou sobre a criatura que os esperava do lado de fora. Sem perceber, ele acabou adormecendo em meio ao desespero.

Ele acordou algum tempo depois. Não sabia quantas horas tinham se passado, mas ele assustou-se ao ver que a água já invadia sua cabine. Ele levantou-se, com medo, e lutou para manter-se equilibrado. O nível da água estava em sua canela.

Roberto percebeu que o foguete sinalizador não estava mais em suas mãos. Genésio estava deitado em sua cama. Ele caminhou com dificuldade até lá e deu um grito de pavor. O companheiro estava com o sinalizador na boca e sua cabeça era uma mistura de sangue e queimaduras.

Genésio tinha se matado. A água continuava a entrar na cabine.

Roberto tentou o interfone mais uma vez. Continuava sem funcionar. Ele foi até a porta. Não havia amassados e nem deformações no aço e, para sua surpresa, ele conseguiu abri-la com facilidade.

Ele olhou para fora de sua cabine. O corredor também estava inundado. A plataforma rangia como um monstro triássico. Ela inclinou-se mais ainda. Estava afundando. Sabia agora que isso era questão de minutos e não mais de horas ou de dias.

Precisava fugir dali imediatamente, antes que as saídas fossem todas bloqueadas pela água. Foi até o armário, pegou o colete e virou-se para sair dali.

Nesse momento, ele sentiu outro calafrio. Genésio estava de pé, na porta, do lado de fora da cabine, com sua cabeça chamuscada e destroçada pelo foguete sinalizador.

— Genésio, o que está acontecendo? Você estava morto...

A boca de Genésio abriu-se em algo que se pareceria com um sorriso caso ela não estivesse destruída. Em seguida, trancou a porta. Roberto correu até lá, mas não conseguiu abri-la. Ela estava emperrada novamente, com os mesmos amassados de antes.

— Isso não é possível! Nada disso é real.

Ele olhou para a cama e ali estava o corpo sem vida do colega, com sua cabeça deformada pelo foguete. Roberto olhou para o chão. A água, meio viscosa com o petróleo, já estava em seu joelho e continuava a subir.

A plataforma continuava a rugir.

Roberto apalpou o colete salva-vidas e encontrou um foguete estrela vermelha em um dos bolsos. Era o último.

Ele direcionou-o à sua boca. A água já estava na altura de sua cintura. Era o que ele precisava fazer. Era o que Genésio tinha feito. Era o que a criatura queria que ele fizesse.

Roberto buscava coragem para se matar e esperou até a água chegar na altura de seu queixo, quando já não havia mais esperanças de ser salvo. Ele, então, fechou os olhos e acionou o dispositivo. Nada. O foguete estava defeituoso.

Ele soltou um grito e bateu com a cabeça repetidas vezes contra a parede de seu túmulo de aço. O engenheiro buscou ar enquanto ainda havia um bolsão dentro da cabine. Depois, se entregou à água do mar.

Enquanto se debatia, sem ar, sob a água, ele pôde ver algo entrando na cabine, se infiltrando através das fendas da porta empenada. Era uma massa negra e amorfa.

Era a criatura.

ILHA DAS FOCAS

Eu não acredito em reencarnação. Cansei de repetir essa frase enquanto vivia confortavelmente com uma mulher perfeita e três filhos adoráveis, em um apartamento dos sonhos, na zona sul do Rio de Janeiro.

Como cristão, realmente não podia acreditar que nossa alma é capaz de migrar para outro corpo depois da nossa morte. Como um homem rico e saudável, não queria crer na possibilidade de reencarnar no corpo de uma pessoa mais desafortunada do que eu. Eu preferia acreditar que Deus nos reserva uma eternidade tranquila no paraíso.

Mas circunstâncias nos levam a mudar de opinião. Fui levado a mudar a minha quando, depois de um acidente, despertei num corpo que não era meu.

Na verdade, o corpo sequer era humano. Com minha concepção cristã do universo, tive um choque, ao ver que havia reencarnado como uma foca. Pude perceber que havia algo estranho quando senti que estava deitado sobre uma rocha, cercado por dezenas desses animais.

Depois de algum tempo tentando entender como eu havia chegado àquela rocha, comecei a reparar que meu corpo havia se modificado. Eu não tinha braços nem pernas. Percebi que, no lugar dos meus antigos membros, eu tinha nadadeiras.

No início, achei que estava sonhando. Ou que estava tendo algum delírio, semimorto no leito de um hospital, depois de ter sido atropelado por aquele maldito ônibus que ultrapassou um sinal vermelho, em alta velocidade.

Comecei a desconfiar que não era um sonho, quando senti uma incontrolável vontade de me alimentar e, involuntariamente, me arrastei até outra foca. Ao sugar o leite daquela que deveria ser minha mãe, senti um prazer indescritível. Aquilo era mesmo real, nenhum sonho me traria tanta satisfação.

Mas levou um bom tempo para aceitar aquilo. Afinal, eu tinha mesmo morrido naquele acidente? Lembrava-me daquela fração de segundo, quando, atravessando a rua de bicicleta, virei o pescoço para a minha esquerda e vi o

ônibus a meio metro de mim. Também me recordava da dor aguda quando ele me acertou em cheio e da escuridão que se seguiu. Mas não me lembrava de mais nada depois disso.

E se eu era mesmo uma foca, como eu poderia ainda estar raciocinando como um homem?

O fato é que, após alguns dias vivendo no corpo de uma foca, me arrastando por aquela rocha e me alimentando das tetas de outro animal, me convenci de que agora aquela seria minha vida. Não era um sonho ou um delírio de leito de hospital. Por mais absurdo que aquilo que pudesse parecer, eu era agora uma foca.

O que continuava sendo estranho era que, apesar estar naquele corpo não humano, eu pensava como gente. Na verdade, eu me lembrava de tudo o que tinha acontecido em minha vida passada. Mas, insólita ou não, essa agora era a minha vida.

E, por mais esquisito que fosse, eu estava me sentindo confortável naquela situação. Passava o dia pegando sol e brincando com outros filhotes. E, quando minha mãe não estava no mar buscando comida, eu me alimentava.

Era como se eu estivesse sob o efeito de alguma droga. Mantinha parte da minha consciência humana, mas me satisfazia com os instintivos prazeres animais.

O problema começou quando já tinham se passado algumas semanas. Imagino eu que tenham se passado algumas semanas. Não tinha mais relógio ou celular para marcar o tempo, mas minha mente humana tinha certa noção de que já tinham se passado vários dias desde que eu renascera como foca.

Minha mãe foi para o mar e não retornou mais. Nos primeiros dias, eu senti um pouco de fome, mas consegui segurar as pontas. Quando, porém, sua ausência se prolongou por mais tempo, a vontade de me alimentar se tornou insuportável.

Eu sabia que estava em uma colônia de focas, em um rochedo em alto-mar. Talvez na costa da Austrália, na África ou na América do Norte. Não era possível dizer. Se eu tivesse que arriscar, diria que estava na Ilha das Focas, um pequeno rochedo localizado na costa da África do Sul.

A Ilha das Focas era um lugar que eu tinha visitado com minha esposa, durante nossa lua-de-mel no sul da África, quando eu ainda não imaginava que reencarnaria como um desses mamíferos. Fosse a Ilha das Focas ou não, eu conhecia o suficiente de vida marinha para saber que colônias de focas são pontos onde predadores, como o tubarão-branco, se concentram para se alimentar.

Eu também imaginava que vários integrantes da nossa colônia eram devorados por tubarões quando saíam para se alimentar. Minha mãe provavelmente tinha sido uma das vítimas dessas máquinas de matar.

O curioso é que, desde que reencarnara nessa ilha, nunca havia me preocupado com isso. Eu nunca tinha ido à água e não sentia falta disso. Tudo o que eu precisava estava naquela rocha desértica, inclusive o principal: minha fonte de alimentação.

Mas a fome estava apertando demais. Não dava mais para esperar o retorno da minha mãe. E nem poderia aplacar minha gana de comer em um restaurante ou supermercado. Eu agora era uma foca e precisava conseguir meu próprio alimento, uma vez que não tinha mais o leite materno.

Eu olhei para a borda da rocha, onde as ondas batiam com força, fazendo espuma, e vi alguns de meus companheiros mergulhando. O vaivém dos animais era constante.

Naquele momento, pensei na minha família humana: minha esposa e meus filhos. Será que eles sentiam muita falta de mim? Bateu uma saudade e senti muita tristeza. Daria tudo para vê-los novamente.

Provavelmente, para se consolarem, deviam imaginar que eu estava no paraíso agora. *Ele está num lugar melhor*, certamente alguém falou para consolá-los durante o meu velório.

Imagino como eles sofreriam se soubessem que isso não era verdade. Eu não estava num lugar melhor. Eu estava vivendo como uma foca. Apesar de ter sido prazeroso no início, agora eu estava morrendo de fome numa rocha, no meio do oceano, e tendo que me arriscar em um mar provavelmente infestado de tubarões famintos. Talvez nem exista o tal *lugar melhor*.

Com muito medo, um medo humano, me arrastei até bem próximo do mar.

Uma onda quebrou em cima de mim. Aproximei-me ainda mais da água. O mar agitado me deu um novo banho. Uma foca mergulhou ao meu lado, ao mesmo tempo em que eu sentia a fome apertar.

Duas sensações, fome e pavor, se enfrentavam em uma luta mortal para ter a supremacia sobre meu corpo. No final, a necessidade de comer falou mais alto. Apesar de ainda manter minha consciência humana, que estava tomada pelo medo, o instinto animal me mandava mergulhar e capturar um peixe o mais rápido possível.

Quando a terceira onda estourou sobre mim, aproveitei o embalo e caí na água. Quase que automaticamente comecei a nadar. Nadei com grande desenvoltura, como se tivesse nascido para aquilo. Na verdade, eu tinha mesmo nascido para aquilo, afinal eu havia reencarnado como uma foca.

O mar era um pouco turvo, mas eu conseguia ter uma visão boa de tudo o que estava à minha frente. Curiosamente, eu conseguia enxergar muito bem na água. Provavelmente, a anatomia de meu novo corpo contribuía bastante para isso.

Meu corpo, em formato de torpedo, um torpedo flexível, girava e se contorcia na água com grande facilidade. Logo, eu estava perseguindo e devorando pequenos peixes, matando aquela fome que me fustigava instantes atrás.

Maravilhado com aquelas acrobacias subaquáticas e com a satisfação de meu desejo de comer, me esqueci de que estava em um mar provavelmente infestado de tubarões e de que eu era não apenas um predador, mas a potencial presa de uma máquina assassina.

O primeiro ataque que sofri, não sei de onde veio. Só sei que fui levantado uns dois metros acima da superfície da água. A mordida foi forte e atingiu minha barriga. A dor que senti foi indescritível.

Caí meio desequilibrado na água e mal tive tempo de ajeitar meu corpo. Uma segunda mordida pegou a lateral do meu corpo. Só então eu pude ver o que me atacava. Era um imenso tubarão-branco e ele estava com seus dentes enfiados no meu corpo.

Ele se sacudiu e o sangue rapidamente tingiu de vermelho a água em torno

de mim. Um naco da minha gordura soltou-se do meu corpo, indo parar na boca do tubarão.

Meus olhos se encontraram com os olhos negros do assassino. Mais uma vez encarava a morte e, desta vez, tudo parecia estar acontecendo em câmera lenta. O sangue na água, os dentes vorazes se movendo freneticamente na minha direção e aqueles olhos.

Aquele olhar impiedoso que mostrava apenas a escuridão, a treva que queria me envolver novamente.

Ainda atordoado, busquei fugir dali. Eu sentia muita dor, como se uma motosserra houvesse me rasgado.

Instintivamente meu corpo em formato de torpedo começou a nadar em ziguezague para tentar escapar de novas investidas do monstro assassino. No entanto, eu não tinha mais a agilidade de antes. Estava ferido e perdendo sangue. A água gradativamente escureceu.

Depois de quase 20 segundos nadando em busca de salvação, o tubarão surgiu novamente, desta vez tentando me atacar frontalmente. A boca já estava aberta, pronta para me triturar, para me levar a uma morte agonizante. Num movimento rápido, escapei da mordida que poderia ter significado meu fim.

Meu corpo todo doía e eu sentia aquele medo humano novamente. Será que todos os homens que reencarnam como animais mantêm sua consciência humana? Ou eu tinha sido um caso extraordinário, alvo de um erro no processo de transmigração da alma do corpo de um homem para o de um bicho? Não sei dizer, mas eu precisava sair da água.

Nadei por mais alguns metros, ainda em ziguezague, mas fui atingido pelos mortíferos dentes serrilhados do tubarão na parte traseira do meu corpo. Ele havia abocanhado a minha nadadeira posterior.

Fui novamente sacudido e, a cada sacudida, aqueles dentes perfuravam mais a minha carne. Mais uma vez, senti que tudo acontecia em câmera lenta. O grande branco deu mais um sacolejo e percebi que estava livre novamente.

Tentei nadar, mas não consegui avançar muito. E a dor veio com força total. Só então eu percebi que boa parte do meu corpo havia ficado na boca do tubarão.

Não olhei para trás. Continuei buscando nadar cada vez mais para longe dali, apavorado com a possibilidade de sofrer mais um ataque.

Vi que a rocha onde a colônia de focas tomava seu banho de sol estava ao meu alcance. Movi minhas nadadeiras com todo esforço que consegui reunir, para escapar daquele predador que não desistiria tão fácil de sua refeição.

Minha cabeça finalmente despontou na superfície da água e comecei a me arrastar para fora dela. Tudo isso, com muita dificuldade e lentidão. Meu corpo, acossado pelas ondas, começava a se entregar ao inevitável. Parte de mim havia sido arrancada pelo tubarão.

Comecei a pensar de novo na minha esposa e nos meus filhos. Não sei quanto tempo passou desde a minha morte humana. Mas, a essa hora, eles deviam estar seguindo com suas vidas, com a ilusão de que seu ente querido *estava num lugar melhor, olhando por todos eles*.

O que eu fiz para merecer isso? Por que, sendo cristão, não fui para o céu? Estaria eu expiando algum pecado? Meu corpo começou a perder os sentidos e me preparei para morrer de novo.

Mas meu pesadelo não tinha terminado. Uma das ondas me puxou de volta ao mar e o tubarão, que estava à espreita, novamente abocanhou meu corpo.

Senti que meu corpo era ferozmente devorado. A cada dentada sentia-me indo ao inferno e voltando. Estava sendo comido vivo, embaixo d'água.

Em algum momento, antes da fera engolir minha cabeça, tudo ficou escuro.

***

Meu corpo desabou no chão. Caí meio desajeitado e fiquei um tempo deitado. Meus olhos demoraram um pouco para se adequar à claridade. Eu estava no meio de um descampado, com vários arbustos e árvores secas ao meu redor. Olhei para o lado e vi um animal que parecia ser uma gazela.

Com alguma dificuldade, coloquei-me de pé e reparei que estava sobre quatro patas. Não! Isso não podia estar acontecendo! Eu tinha reencarnado como uma gazela. Enquanto ainda tentava compreender minha situação, vi a gazela, que instintivamente reconheci como sendo minha mãe, fugindo em disparada.

Tentei acompanhá-la, mas, ainda com dificuldade em me adaptar ao meu novo corpo, só consegui caminhar de forma trôpega.

Quando finalmente controlei minhas quatro patas, reparei que a gazela-mãe não estava mais à vista. Só então eu vi o que a havia afugentado. Eu estava cercado por quatro grandes leoas. Elas babavam enquanto caminhavam em minha direção, com suas enormes presas afiadas. Lembrei-me mais uma vez da minha família.

DESPACHOS

Rafael sempre foi um atleta. Desde pequeno, praticou atividades físicas. Começou aos dois anos, fazendo natação em seu clube. Depois, entrou na escolinha de futebol, lutou judô, fez muitas manobras com seu skate. Agora, com 18 anos, sua paixão era a corrida.

Há cerca de um ano, ele vinha competindo em provas de longa distância. Já perdera a conta de quantas havia disputado nos últimos meses. Rafael nunca ganhou nada e ele sabia que nunca ganharia. Nunca seria um atleta de ponta. Corria apenas com a missão de completar a prova. Suas corridas favoritas eram as maratonas.

Mesmo sabendo que nunca seria competitivo o suficiente para chegar entre os primeiros colocados, o jovem levava seu treinamento a sério. Todos os dias, acordava cedo, com o céu ainda escuro, e corria pelas ruas da cidade. Percorria sempre entre cinco e dez quilômetros. Às vezes, um pouco mais. Às vezes, sentia alguma fisgada na barriga e corria menos.

Ele gostava da serenidade do início da manhã. Curtia muito aquele fim de escuridão e aquela tranquilidade antes das calçadas e das ruas serem invadidas por milhares de pessoas.

Era inspirador. A corrida antes da ida para a faculdade lhe permitia refletir sobre sua vida e sobre seus problemas. Em geral, ele saía mais leve e preparado para enfrentar o dia.

Aquele dia era como outro qualquer. O despertador tocou às 4h. Rafael colocou sua bermuda, seus tênis e uma camisa. Abriu uma barra de cereal e comeu-a enquanto o elevador descia os 15 andares que separavam seu apartamento da portaria do prédio.

Cumprimentou o porteiro com um bom-dia e começou a correr, tão logo chegou à calçada. Estava se sentindo disposto e decidiu fazer um trajeto de dez quilômetros, que passava pelo centro da cidade, deserto àquela hora

Rafael passou em frente à padaria, próxima a sua casa, e sentiu o cheiro do

pão que ele compraria quando estivesse voltando da corrida. Aquilo fez com que ele pensasse em seu futuro café da manhã. Ele pensou também em sua namorada. Já estava com ela há dois anos e, nos últimos dias, a menina, que era um ano mais velha que ele, havia começado a azucriná-lo com um papo de casamento.

Ele era muito jovem ainda. Estava no segundo período da faculdade de direito e não queria pensar em nenhum compromisso mais sério. Já não sabia mais como se livrar daquele assunto, quando ele vinha à tona. Pensava em dar um tempo ou em largá-la de vez.

Não sabia se aqueles pensamentos lhe fizeram mal, mas ele começou a sentir-se cada vez mais pesado. Já tinha percorrido metade do trajeto pensado inicialmente. Se parasse àquela hora, teria que voltar andando ou esperar por um ônibus em um daqueles pontos desertos do centro da cidade.

Reduziu o ritmo da corrida, mas, mesmo assim, começou a sentir algumas fisgadas. Resolveu parar numa esquina para se recompor. Encostou-se no poste, baixou a cabeça e recuperou o fôlego. Então, sentiu vontade de mijar. Olhou para os lados. A rua estava vazia.

Arriou a bermuda e mijou com os olhos fechados, sentindo um imenso prazer enquanto fazia isso. Somente quando olhou para baixo, viu que havia algumas oferendas religiosas no chão, ao lado do poste, e que ele estava mijando bem em cima delas.

No momento em que percebeu o que estava fazendo, Rafael travou a urina e, mesmo não sendo católico, fez o sinal da cruz. Depois, ajeitou a bermuda e tratou de sair de lá o mais rápido possível. Como já estava se sentindo um pouco melhor, voltou a correr.

O jovem ainda acelerava suas passadas quando, alguns metros adiante, alguém colocou o pé na frente dele e ele caiu no chão, ralando as mãos, os cotovelos e os joelhos.

Ainda no chão, Rafael virou-se para trás, já preparado para encontrar um bandido armado exigindo seus tênis importados.

Mas não foi isso que ele viu. Um homem de bigode, vestido com uma calça branca, uma camisa vermelha e um chapéu panamá, o encarava. Quando

percebeu que o homem não estava armado e parecia ser mais baixo e mais franzino do que ele, Rafael levantou-se pronto para a briga.

— Seu filho da puta. Por que você fez isso?

— Você não olha onde mija? — questionou o estranho, sem responder à pergunta de Rafael.

— Qual seu problema? Nunca mijou na rua?

O homem olhou na direção da esquina onde Rafael tinha parado e respondeu:

— O problema é que você mijou bem em cima da minha comida.

Rafael demorou a entender que aquele homem, vestido como um malandro do século passado, se referia ao despacho da esquina.

— Ô seu merda. Você me deu uma banda porque eu mijei numa porra de macumba? Você tá maluco? Quer que eu te encha de porrada?

— Como você espera que eu coma a minha oferenda, se você mijou em cima dela?

Rafael andou em direção ao homem, pronto para lhe dar um soco na cara, mas ele simplesmente desapareceu diante dos seus olhos. Não acreditou no que tinha acabado de presenciar.

— Eu volto a te perguntar: como você espera que eu coma aquela farofa imunda, que você contaminou?

A voz vinha de trás de si. O jovem virou-se e viu o estranho. Tentou falar alguma coisa, mas não conseguiu dizer nada.

— Eu sei o que você deve estar pensando: quem é esse cara que acabou de desaparecer na minha frente?

Rafael continuou sem palavras. O homem parecia uma pessoa normal e não um fantasma.

— Na verdade, não importa muito quem eu sou. Pode me chamar de espírito, encosto, entidade. Pode me chamar do que quiser. O que me importa agora é que eu vou ficar com fome, porque você mijou na minha farofa.

Só naquele momento, o jovem percebeu que uma estranha fumaça amarela saía do corpo daquele homem, ou melhor, daquela entidade.

— E agora, como ficamos? — perguntou a aparição.

A rua estava deserta, mas não completamente escura, porque os postes estavam todos acesos.

Rafael tentou dizer algo, mas foi interrompido pelo espírito.

— Eu vou deixar você ir embora. Mas com uma condição.

— Qual? — O jovem perguntou, quase sem pensar.

— Você precisa fazer um trabalho para mim.

Rafael nada disse.

— Você deveria me agradecer por apenas pedir um trabalho. Nem queira saber o que eu fiz uma vez com um moleque que chutou a minha oferenda de propósito.

Rafael esfregou os olhos e torceu para que o homem desaparecesse de vez. Mas ele continuava ali quando o jovem abriu os olhos. Sentiu que sua boca estava seca.

— O que você quer que eu faça?

O homem deu um riso cínico e contou, ao jovem, o que esperava que ele fizesse. Depois simplesmente desapareceu.

Rafael voltou para casa caminhando. Seu corpo não conseguiria mais correr. Ele ainda não acreditava no que tinha acabado de acontecer. Apesar de ser de uma família espírita, nunca havia tido nenhuma experiência com o além.

Pensou se deveria contar para sua mãe, que dizia já ter presenciado

aparições de espíritos. Talvez fosse bom desabafar com alguém. Ou talvez fosse melhor guardar aquilo para si próprio. Mas, de jeito nenhum, faria o que aquela entidade havia pedido. Ele não teria estômago para levar aquilo até o fim.

O espírito tinha ameaçado-o. Dissera que Rafael sofreria as consequências se não cumprisse o trato. Mas o jovem sequer sabia se aquele encontro tinha sido real.

E mesmo que houvesse realmente tido um encontro sobrenatural, aquele podia ser apenas um espírito zombeteiro, que queria se divertir às suas custas. Resolveu ignorar aquilo, por enquanto. Assim como decidiu não contar nada à sua mãe.

Por alguns dias, Rafael seguiu normalmente com sua vida. Só mudou a rotina da corrida. Em vez da madrugada, passou a correr no final da tarde. Não queria ter aquela experiência estranha mais uma vez.

Exatamente dez dias depois do encontro com a entidade, no entanto, Rafael acordou de madrugada numa calçada, sozinho, a três quarteirões de seu prédio. Ele estava com uma roupa diferente daquela com que havia dormido na noite anterior.

Assustado, rapidamente pôs-se de pé. Não se lembrava de como tinha ido parar ali. Recordava-se perfeitamente de ter ido para sua cama, às 21h30, e dormido em seguida. Não tinha bebido cerveja nem ingerido qualquer remédio. Rafael tampouco era sonâmbulo. Em seus 18 anos, isso nunca havia acontecido.

De volta ao prédio, contou ao porteiro que não se lembrava de como tinha ido para a rua. Seu Onofre disse que Rafael tinha saído há cerca de 20 minutos, sozinho e que tinha, inclusive, dado bom-dia para ele. O porteiro achou que ele tinha apenas saído para correr, como fazia normalmente.

Ele agradeceu e subiu de volta para seu apartamento, antes que o porteiro ficasse mais curioso e fizesse questionamentos.

Rafael tomou um banho e preparou um café. Olhou para o relógio e viu que já eram quase 5h. Não dormiria mais. Seus pais ainda não tinham acordado.

— Eu falei que tínhamos um trato — disse uma voz que vinha do quarto de empregada, ao lado da cozinha onde estava Rafael. Era uma voz conhecida. —

Já se passaram dez dias e você não cumpriu com a sua parte.

Rafael andou até o quarto de empregada e acendeu a luz. O espírito estava ali, com a mesma roupa daquela madrugada, sentado em uma caixa de madeira.

— Você se lembra que eu falei que haveria consequências, se você não fizesse o que eu pedi?

— Foi você que me colocou na calçada?

O visitante apenas sorriu, sem responder.

Rafael ficou olhando para aquela figura que exalava uma fumaça amarela. O espírito continuou, com um semblante malévolo:

— Não se engane. Não sou bonzinho. Espíritos do bem não ficam vagando por aí, comendo oferendas em encruzilhadas. Se você não cumprir com sua parte no trato, vou continuar entrando no teu corpo e te levando a fazer coisas nada agradáveis, assim como acabei de fazer. E essa brincadeira vai ficar cada vez mais perigosa.

— Eu não posso fazer o trabalho que você me pediu.

— Acho que você não entendeu. Aquilo não foi um pedido. Foi uma ordem — disse o espírito, erguendo a voz, em tom ameaçador.

Só de pensar no que teria que fazer, Rafael perdeu a vontade de beber seu café.

— Eu não tive a intenção de sujar sua oferenda.

— Isso não importa. Você tem que pagar pelo que você fez.

— Por que você quer que eu faça isso?

— Você não entenderia. As coisas do lado de lá são incompreensíveis para os vivos.

— Eu não vou conseguir...

O visitante deu de ombros e, simplesmente, se desmaterializou.

Rafael encostou-se na parede e escorregou até sentar-se no chão. Ele não percebeu que havia ficado com medo até sentir que sua calça estava molhada de urina.

Quando uma mão tocou seu ombro, ele deu um pulo.

— O que você tá fazendo aqui, filho?

Era sua mãe, com os olhos inchados de sono.

— Nada, mãe. Acho que perdi o sono — respondeu, depois de alguma hesitação. Não falaria nada para sua mãe sobre aqueles seus encontros com o espírito da encruzilhada.

— Achei que você estivesse conversando com alguém.

— Não, mãe. Eu tava só pensando alto.

— Vou fazer um pão com ovo pra mim. Quer um também?

Ele fez que não com a cabeça.

— Eu até fiz um café, mãe. Mas não estou com muita fome, não.

Rafael levantou-se e abraçou sua mãe, com vontade de chorar. Depois, passou por ela e foi para a sala.

No dia seguinte, o espírito voltou a possuir seu corpo e, novamente, o jovem agiu sem ter consciência do que fazia. Dessa vez, ele despertou no meio de uma movimentada avenida. Ele estava entre duas faixas por onde passavam carros acelerados. Alguns buzinavam. Outros apenas tiravam um fino do seu corpo. A calçada ficava a três faixas de distância.

Não sabia como tinha chegado até ali. Sua última lembrança era de estar sentado na sala de sua casa. E, de repente, estava quase sendo atropelado.

Rafael ficou desesperado. Precisava sair dali. Um ônibus passou tão perto que ele achou que não escaparia com vida. Foi cruzando uma faixa de cada vez, até chegar à calçada em segurança.

Ele agachou-se e buscou recuperar seu fôlego. Lembrou-se do que o espírito havia falado sobre possuir seu corpo e sobre como isso se tornaria perigoso. Poderia agora estar morto, esmagado por um ônibus ou um caminhão, no meio da avenida.

Voltou para casa e deitou-se na cama. Esperou que aquela entidade voltasse a aparecer, mas isso não aconteceu. Ficou horas deitado, sem sono, olhando para o ventilador de teto, que girava devagar.

Até onde isso poderia chegar? Será que aquele espírito seria capaz de matá-lo? Matá-lo apenas porque mijou, sem querer, num despacho de macumba? Será que estava ficando louco?

Depois de algum tempo, acabou adormecendo.

Ele acordou, de repente, com uma pistola apontada para o seu rosto. O homem que segurava a arma estava enfurecido.

— Maconheiro de merda! Acha que eu sou idiota? Me dá a porra do dinheiro!

Rafael estava quase borrando as calças.

— O quê?... O que está acontecendo?

— Tu é muito abusado, playboy! Que porra é essa de pegar minha maconha e dizer que não vai pagar? Tá querendo morrer, filho da puta?

Ele olhou à sua volta e viu que estava no meio de uma favela. Então, olhou para sua mão e viu que segurava três pacotes. Estava bastante nervoso, mas percebeu que eram trouxinhas de maconha. Desde que começara a praticar corrida, tinha parado de fumar, mas, durante parte de sua adolescência, ele havia usado muito aquilo.

Rafael esticou o braço para devolver a maconha para o traficante.

— Me desculpa... Por favor... Eu não sei como vim parar aqui.

— Vai tomar no teu cu, seu playboy viado! Tá achando que eu sou otário? — A pistola foi pressionada com mais força contra sua testa.

Ele fechou os olhos e rezou.

Outro homem apareceu, segurando um fuzil.

— O que tá acontecendo aqui, Peruca? – perguntou o recém-chegado.

— Barata, esse filho da puta pegou a maconha e disse que não ia pagar porra nenhuma!

Rafael se desculpou mais uma vez. Explicou que estava sofrendo com perdas temporárias de memória e que não sabia como tinha chegado até ali. Disse que não se lembrava nem de ter comprado a maconha.

Barata, que estava com o fuzil, deu um tapa na cara de Rafael e pegou a maconha de volta.

— Vaza daqui, playboy. Se tu aparecer por aqui de novo, esse bico vai cantar na tua cara! — disse, apontando o fuzil para o rosto de Rafael.

Rafael andou para trás, olhando para os dois bandidos, e depois saiu correndo. Só ficou tranquilo quando estava dentro do ônibus, a mais de um quilômetro da favela. Não acreditava que aquele maldito havia feito isso com ele. Percebeu que não havia limites para aquela entidade.

Ficou olhando para os lados, esperando que ela se materializasse.

Ela não apareceu. O espírito já tinha dado seu recado. Rafael precisaria criar coragem e executar o trabalho exigido de si. Não sabia se, da próxima vez que a entidade entrasse em seu corpo, acabaria morto.

Ainda era madrugada. Decidiu que iria até o cemitério no final daquele dia.

— Eu vou fazer o que você mandou! — Rafael disse, esperando que seu colega do além ouvisse — Por favor, pare com isso!

O jovem voltou para a casa e dormiu. Quando acordou, já eram 16h. Havia perdido as aulas na faculdade, mas não se importou.

Levantou-se e verificou que a casa estava vazia. Seus pais estavam no trabalho. Abriu o armário de bebidas de seu pai e pegou uma garrafa de uísque.

Encarou-a por alguns minutos e despejou três dedos em um copo, sem gelo. Respirou fundo e engoliu tudo de uma só vez. Como aquele espírito podia ser tão vingativo? Se soubesse que uma mijada acidental o colocaria no meio de um pesadelo como aquele, teria segurado a bexiga. Ou melhor, nem teria dado aquela corrida em primeiro lugar.

Saiu de casa às 17h, antes que seus pais voltassem do trabalho. Não queria falar sobre o seu dia, nem dar satisfação sobre onde iria naquela noite.

Sabia onde conseguiria cumprir a tarefa designada pela entidade. Na zona portuária da cidade, havia um complexo de cemitérios. No meio desse complexo, entre os cemitérios tradicionais, havia um cemitério vertical. Era um edifício onde, em vez de enterrados, os corpos eram colocados em lóculos, isto é, gavetas, distribuídos ao longo dos andares superiores do prédio.

Um corpo leva meses para se decompor e esse processo gera a produção de vários litros de líquido cadavérico. Esse líquido fica contido dentro dos lóculos, até que evapore ou se cristalize.

Sabia disso porque o próprio espírito tinha lhe falado.

Ainda não sabia por que teria que fazer aquilo, mas, como o espírito tinha dito, as coisas do além eram incompreensíveis para os vivos. Não queria saber por que era importante fazer aquilo, mas faria do mesmo jeito, porque não queria acabar morto pelas mãos da entidade.

Foi até o ponto de ônibus e pegou o coletivo que tinha a palavra “Cemitério” em seu letreiro. Quando chegou ao local, estava anoitecendo, mas ainda havia algumas pessoas reunidas, entre elas uns poucos funcionários e parentes que se despediam dos mortos.

O cemitério vertical ficava no mesmo terreno de um cemitério tradicional, onde os defuntos eram sepultados no chão. Rafael caminhou um pouco por entre as sepulturas, para passar o tempo. Depois, sentou-se na mureta de um canteiro de flores, ao lado do prédio e esperou até as 22h, quando o edifício foi fechado.

— Já estamos fechando! — disse um dos funcionários do edifício.

— Sim, claro, só estou mandando uma mensagem e já estou indo — respondeu Rafael, fingindo mexer no celular.

— Não se esqueça que o portão principal do complexo fecha daqui a 20 minutos.

— Não se preocupe. Já estou saindo.

— Depois que o portão fechar, só sai se pular o muro — disse o funcionário, em tom de brincadeira. — Ou amanhã de manhã.

Cinco minutos depois, ele estava praticamente sozinho no complexo de cemitérios. O prédio estava todo escuro, assim como as sepulturas vizinhas. Rafael sentiu um frio na espinha.

Uma mão quente tocou as suas costas e Rafael se assustou. Já imaginava que a entidade apareceria.

— Me segue — disse o espírito, quando o jovem virou-se para ele.

Rafael seguiu-o em silêncio, até que eles chegaram aos fundos do prédio do cemitério vertical. O espírito apontou para uma porta que, curiosamente, estava destrancada.

— É aqui! — disse para o jovem.

Rafael abriu a porta e viu que o edifício estava escuro. Ele começou a sentir-se mal. Nunca havia entrado ali e não conhecia o local. Ele apenas seguiu a entidade pelo saguão escuro. Os dois chegaram a uma escada e subiram até um andar superior, onde havia um corredor com vários lóculos.

Eles caminharam por alguns metros, até que o espírito parou em frente a uma das gavetas mortuárias. O jovem também parou e ficou alguns segundos encarando a tampa de granito.

— Esse aqui vai dar — disse a aparição, apontando para um dos lóculos.

Rafael não quis olhar o nome do morto ou a data de sua morte. Apenas abriu sua mochila. Dali de dentro, ele tirou um martelo e um cinzel. Seu coração batia acelerado, enquanto se preparava para abrir o jazigo.

O jovem começou a martelar o cinzel contra a pedra, torcendo para que o barulho atraísse um vigilante e ele o impedisse de continuar com aquela loucura.

Com algumas marteladas, o granito se partiu. Um odor azedo espalhou-se rapidamente pelo ar. Rafael tossiu e teve ânsia de vômito.

Ele olhou para a entidade, que apenas sorria. Uma leve inclinação no piso do lóculo fazia com que o líquido cadavérico se acumulasse lá no fundo. Era onde ele precisava chegar. O fedor parecia querer impedi-lo de se aproximar. Colocou a camisa sobre o nariz e começou a tentar mover o caixão.

Depois de muito esforço, conseguiu puxar o esquife. Por fim, a caixa de madeira caiu no chão, fazendo um estrondo. Para sua sorte, a tampa do caixão não se abriu e ele não precisou encarar o cadáver.

Rafael, então, enfiou-se no lóculo, arrastando-se até o fundo dele. O fedor era tremendamente horrível. Suas mãos se molharam no líquido viscoso e o jovem sentiu uma vertigem.

— Por favor, não me faça beber isso! — implorou o jovem.

Ali, próximo de seu nariz, o odor era ainda mais pungente.

— Sua vida depende disso. Não há escolha. Se não beber, na próxima vez que eu possuir seu corpo, você vai acordar dentro de um caixão nesse cemitério — disse o espírito.

Então, ele aproximou a boca daquele acúmulo de líquido de defunto e começou a sugar, ao mesmo tempo em que chorava. Pensou que morrer talvez fosse opção melhor do que aquela.

No momento em que o líquido viscoso tocou sua língua, o jovem achou que ia desmaiar. Não queria pensar que estava engolindo os restos de outras pessoas.

Quando o líquido desceu pela garganta de Rafael, o espírito maligno soltou uma gargalhada que ecoou pelo corredor do prédio. O jovem não acreditava no que tinha acabado de fazer e achou que ia expelir tudo.

— Não faça isso! Você vai ter que beber de novo!

Rafael se controlou e conseguiu evitar o vômito. Depois disso, ele engatinhou para fora do lóculo. O espírito aproximou-se do ouvido do jovem e sussurrou novas instruções. Os dois desceram, saíram do prédio e seguiram, em

silêncio, pelas alamedas do cemitério tradicional, vizinho ao prédio do cemitério vertical.

Depois de caminhar por cerca de dez minutos, eles chegaram a um cruzamento de duas alamedas. Ali, havia uma oferenda, com frutas, farofa, velas e uma garrafa de cerveja. A entidade mandou que ele urinasse sobre o despacho.

O jovem obedeceu.

A aparição deu um sorriso maligno, virou as costas, se afastou e, simplesmente, desapareceu. Rafael viu-se sozinho ao lado do despacho do cemitério.

Desolado, o jovem ficou algum tempo sem saber o que fazer. Depois, apenas virou as costas para a oferenda e começou a andar em direção à saída do cemitério. Foi então que sentiu um calor atrás de si e um cheiro forte de carne podre.

Ele criou coragem e virou-se. Ali, encarando-o, havia um homem, que devia ter mais de dois metros de altura e flutuava no ar. Era magro. Tinha a face ossuda, com um ralo cavanhaque. E usava uma roupa toda preta.

Era outra entidade. Aquele espírito filho da puta o havia feito profanar as oferendas de outra entidade.

A entidade aproximou-se do rosto de Rafael o suficiente para que o jovem sentisse seu hálito podre e perguntou, com raiva:

— Você não olha onde mija?

Rafael começou a chorar.